



# **A Simbiose ideal: Do Trabalho de equipa ao êxito**

## **Relatório de Estágio Profissional**

Relatório de Estágio Profissional, apresentado com vista à obtenção do 2º Ciclo de Estudos conducente ao Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto-Lei 74/2006, de 24 de março, na redação dada pelo Decreto-Lei 65/2018, de 16 de agosto e do Decreto-Lei nº 79/2014 de 14 de maio.

Professora Orientadora: Doutora Paula Maria Leite Queirós Professor

Miguel Inês Cardoso Amaro

Porto, setembro 2022

### **Ficha de Catalogação**

Amaro, M. I. C. (2022). A Simbiose ideal: Do trabalho de equipa ao êxito. Porto: M. Amaro, Relatório de Estágio Profissional para a obtenção de grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Secundário e Básico, apresentando à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

**PALAVRAS-CHAVE:** ESTÁGIO PROFISSIONAL; EDUCAÇÃO FÍSICA; ENSINOAPRENDIZAGEM; CONHECIMENTO; METODOLOGIAS DE ENSINO.

## **Dedicatória**

A todos que o que me acompanharam e fizeram parte deste percurso.

Aos meus pais, à minha família, à minha irmã, por me ajudarem, por me darem todas as condições para que este sonho se tornasse possível. Apesar de todas as coisas menos boas e as incertezas estiveram sempre lá para me apoiar e me motivar. Sei que poderei contar com eles, sem dúvida que foram a minha motivação e os meus pilares para que tudo corresse maravilhosamente bem.

Um sentido obrigado.

## **Agradecimentos**

**Ao meu professor Cooperante**, que, mesmo antes de começar o ano letivo, esteve sempre disponível e pronto a ajudar-me no que precisasse, o meu bem-haja. Na realidade, guiou-me nesta nova etapa que iria ter pela frente, pois mostrou-me o quão esta profissão é importante. Ajudou-me a crescer enquanto docente, dando-me sempre o seu ponto de vista através da sua experiência profissional, contribuindo, assim, para a melhoria das minhas lacunas. Sem dúvida, o professor foi um grande pilar que tornou isto possível.

**À minha orientadora**, que sempre me ajudou e apoiou, obrigada pela sua disponibilidade e auxílio.

**Às minhas colegas do Núcleo de Estágio**, onde partilhei, ao longo deste ano letivo, as minhas experiências e conhecimentos, não posso deixar também de agradecer. Todos nos fomos apoiando uns aos outros para que tudo corresse bem e ninguém ficasse para trás.

**Ao grupo de Educação Física, aos docentes e não docentes**, por nos ajudarem e integrarem na escola e nas atividades desportivas por eles organizadas, o meu agradecimento. De facto, deram-nos sempre liberdade e uma ajuda incondicional, partilhando connosco os seus saberes e experiências. Aos funcionários dos pavilhões com quem passámos muito tempo e sempre nos auxiliaram e estiveram presentes, o meu obrigado também. Jamais os esquecerei. E aos docentes, que nas horas de almoço nos ajudaram a integrar na comunidade da escola, partilhando connosco momentos vivenciados, dando “dicas” e indicações de que como é ser professor, também ficarei grato. Foram muitos os conselhos que nos deram e que certamente vou levar para o futuro.

**À minha turma residente**, também tenho de verbalizar a minha gratidão. Na realidade, não poderia ter tido melhor turma para começar a minha vida profissional, enquanto professor de Educação Física. Sem eles nada disto seria possível. Fizeram-me crescer, às vezes com os meus próprios erros. Aprendi muito com eles. Foi um ano de múltiplas conquistas e de muitas aprendizagens, que fomos construindo juntos, ao longo do ano letivo.

**À minha turma partilhada**, por me colocarem num patamar ainda mais exigente, enquanto profissional, o meu bem-haja. Com efeito, foram muitos os desafios que enfrentei e as aprendizagens que retirei, ao longo do ano letivo, com esta turma.

**Aos meus amigos (Rúben, Leite, Diogo, Inês e Filipa)**, por todas as partilhas de conhecimento, por todas as opiniões, o meu obrigado. O carinho e a amizade por todos

dispensado, ao longo deste ano letivo, foram, sem dúvida, grandes pilares para que tudo tivesse corrido bem.

**Aos meus pais**, por me terem ajudado e me terem dado sempre todas as ferramentas para conseguir esta conquista, eterna gratidão. Na realidade, a sua ajuda incondicional, amor e carinho, contribuíram para que eu concretizasse os meus sonhos.

À **Carina**, que esteve sempre lá para me apoiar e me motivar, também não posso deixar de agradecer. Fico grato por todas as conversas, por todas as horas de almoço que passámos juntos, por todos os *feedbacks*, por todas as chamadas de atenção, por todas as horas que estabelecemos ao telemóvel, pois sem elas nada disto era possível.

Obrigado a todos por me apoiarem a ultrapassar as dificuldades, que foram aparecendo ao longo desta nova fase da minha vida, pois os obstáculos sem uma mão amiga por perto são difíceis de ultrapassar.

## Índice Geral

Índice de Figuras.....	X
Resumo .....	XIII
Abstract .....	XV
Lista de Abreviaturas: .....	XVII
1. Introdução .....	1
2. A Educação Física na Cidadania .....	3
3. Dimensão Pessoal .....	6
3.1 Dimensão Pessoal .....	7
3.2 Expectativas criadas e o contributo do primeiro ano de mestrado para a formação pessoal .....	9
4. Enquadramento – A Escola .....	11
4.1: Caracterização da Escola onde realizei o Estágio .....	12
4.1.2: Missão da ESRT .....	13
4.1.3: Departamento de Educação Física.....	14
4.1.4 Professor Cooperante .....	15
4.1.6 Professora Orientadora.....	16
4.1.7: Núcleo de Estágio .....	17
4.1.8: Condições para a prática de EF .....	19
4.1.9: Regras e práticas para o ensino da Educação Física .....	19
4.2: Turma Residente .....	20
4.2.1 Caracterização da Turma Residente .....	20
4.3: Reflexão Final acerca de estratégias que os alunos tiveram.....	23
4.4: Turma Partilhada.....	25
4.4.1 Caracterização da Turma Partilhada .....	25
5. Enquadramento Operacional.....	27
5.1 Organização e Gestão do processo de aprendizagem.....	28
5.1 .1 Da conceção do ensino ao planeamento.....	28
5.2 O Planeamento Anual .....	30
5.2.1 Unidade Didática.....	32
5.2.2 Plano de Aula .....	34
5.2.3 Realização do Processo de Ensino de Aprendizagem .....	36
5.2.6 Palavra-chave e Questionamentos .....	37
5.4 Feedback pedagógico.....	39
5.5 Início e Final de aula.....	41
5.6 Avaliação .....	42

5.6.1 Avaliação Diagnóstica .....	42
5.6.2 Avaliação Formativa .....	44
5.6.3 Avaliação Sumativa .....	45
5.7 Envolver os alunos na Avaliação - Autoavaliação.....	47
5.8 Aptidão Física .....	48
6. Participação na Escola e Relação com a Comunidade .....	49
6.1 Desporto Escolar .....	50
6.1.2 Atividades que se desenvolveram no Desporto Escolar .....	51
6.1.3 Objetivos no Desporto Escolar.....	52
6.1.4 Divulgação e Inscrições .....	53
6.1.5 Recursos Humano e Materiais .....	53
6.1.6 Acompanhamento e Avaliação .....	53
6.1.7 Panorama Geral das Atividades Desportivas Escolares .....	55
6.2 Torneio de Badminton .....	58
6.2.1 Organização do Torneio de Badminton .....	58
6.2.5 Realização e Balanço do Torneio de Badminton.....	59
6.3 Conselhos de Turma.....	61
6.4 Corta-Mato Escolar .....	63
6.4.1 Organização .....	63
6.4.2 Balanço da Atividade .....	64
6.5 Dia da Dança .....	65
6.5.1 Organização .....	65
6.5.2 Balanço da Atividade .....	65
6.7 Torneio de Futsal.....	66
6.7.1 Organização do Torneio de Futsal .....	66
6.7.2 Balanço da Atividade .....	67
6.8 Torneio de Basquetebol Compal Air (3x3) .....	68
6.8.1 Organização .....	68
6.8.2 Balanço da Atividade .....	69
7. Desenvolvimento Profissional de Experiências Profissionais.....	70
7.1.1 Resumo .....	71
7.2 Introdução.....	73
7.3 Objetivos .....	75
7.4 Metodologia.....	75
7.5 Resultados.....	77
7.6 Referências Bibliográficas .....	84

8. Conclusões .....	85
9. Bibliografia .....	88
10. Anexos .....	
XIX	



## Índice de Figuras

Figura 1 – Fachada da Escola Cooperante, Escola Secundária de Rio Tinto .....	33
---	----

## Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Constituição da turma por sexo .....	21
Gráfico 2 – Quais os Modelos que usaram ao longo do ano?.....	81
Gráfico 3 – As aulas de Didática Geral ajudaram a aplicar os modelos? .....	82
Gráfico 4 – Quem tomou a iniciativa de aplicar vários Modelos?.....	83
Gráfico 5 – Qual o Modelo que teve mais vantagens?.....	83
Gráfico 6 – Qual o Modelo que não resultou tão bem?.....	84
Gráfico 7 – Qualo modelo que os alunos mais gostaram.....	85

## Índice de Anexos

Anexo I - Questionário aplicado aos alunos do 11º ano .....	XXI
Anexo II - Estrutura do Plano de Aula .....	XXII
Anexo III - Calendarização dos Anual dos Espaços (Roulement) .....	XXIII
Anexo IV - Foto da notícia no jornal JN do Torneio de Badminton .....	XXIV
Anexo V - Questionário aplicado no Estudo .....	XXV

## Resumo

No âmbito do estágio profissional, integrado no Mestrado de Ensino de Educação Física, nos Ensinos Básico e Secundário, na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, foi concebido este documento, com o objetivo de mostrar e apresentar as minhas experiências e atividades durante o processo de estágio, embora o principal objetivo esteja centrado nas reflexões e análises como futuro professor de educação física. O meu estágio decorreu na Escola Secundária de Rio Tinto, na cidade Rio Tinto. Deste estágio profissional, apresento um número infindável de aprendizagens essenciais, conseguidas através de vários ensinamentos, experiências e reflexões. Este trabalho requer muito esforço, empenho e entrega, devido à profundidade do mesmo, mas também me ofereceu incontáveis aspetos positivos, pois é através do estágio profissional que temos o primeiro contacto com a realidade da escola e como é ser professor. É, de alguma forma, um laboratório, onde se fazem experiências, mas sempre com a supervisão dos melhores. De facto, é uma experiência inesquecível, pois damos tudo de nós, mas também recebemos a duplicar. Espaço encantador com uma moldura humana que passa por todas as idades. O estágio permitiu-me o desenvolvimento de métodos de ensino relativamente à preparação das aulas, bem como relacionar a matéria aprendida, ao longo da formação, com a prática em contexto de escola. A principal aprendizagem que destaco deste estágio são os saberes que adquiri, ao longo do ano letivo, para que os alunos fossem sempre os alvos a atingir e pudessem aprender sempre mais, quer a nível de educação física, quer a nível pessoal. Na realidade, estamos a formar jovens para o futuro, por isso a sua formação integral deve ser a preocupação de qualquer escola e, por sua vez, de qualquer professor. Como afirma Ricardo Reis, numa das suas odes, põe quanto és no mínimo que faças. Também eu, ao longo do ano letivo, tentei pôr em prática esta máxima para que tudo corresse bem, pois nunca se pode esquecer que as relações humanas são determinantes no processo ensino-aprendizagem.

**PALAVRAS - CHAVE:** ESTÁGIO PROFISSIONAL; EDUCAÇÃO FÍSICA; ENSINO-APRENDIZAGEM; CONHECIMENTO; METODOLOGIAS DE ENSINO.



## Abstract

Within the professional internship, integrated in the master's degree of Physical Education Teaching, in Elementary and High School Education, at the Faculty of Sport of the University of Porto, this document was designed, with the goal to show and present my experiences and activities during the internship process, although the main goal is focused on the reflections and analysis as a future physical education professor. My internship took place in Rio Tinto's High School, in the city of Rio Tinto. Of this professional internship, I present an endless number of essential learning, obtained through several teachings, experiences and reflections. This work requires a lot of effort, commitment, and dedication, due to the depth of it, but it also offered me countless positive aspects, because it is through the professional internship because it is through the professional internship that we have the first contact with the reality of the school and what it is like to be a teacher. It is, in some way, a laboratory, where experiments are made, but always with the supervision of the best. In fact, it is an unforgettable experience, because we give everything from us, but we also receive it in double. Charming space with a human frame that goes through all ages! The internship allowed me to develop teaching methods regarding the preparation of classes, as well as to relate the subject learned, throughout the training, with the practice in the context of school. The main learning, I highlight about this internship is the knowledge I acquired, throughout the school year, so that students were always the targets to reach and learn more and more, both at the level of physical education and at the personal level. In fact, we are training young people for the future, so their integral training should be the concern of any school and, in turn, of any teacher. As Ricardo Reis says, in one of his odes, put how much you are at least that you do. As Ricardo Reis says, in one of his odes, put how much you are in least that you do. I too, throughout the school year, tried to put this maxim into practice so that everything would go well, because it can never be forgotten that human relations are decisive in the teaching-learning process.

**KEYWORDS:** SCHOOL PLACEMENT; PHYSICAL EDUCATION; KNOWLEDGE; TEACHING METHODOLOGIES.



## Lista de Abreviaturas:

**AF**- Atividade Física

**AERT3**- Escola Secundária de Rio Tinto

**CT** – Conselho de Turma

**DE**- Desporto Escolar

**DEFD** – Departamento de Educação Física e Desporto

**DT**- Diretor de Turma

**EE** – Estudante Estagiário

**EF** - Educação Física

**EP** – Estágio Profissional

**FADEUP** - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

**IPB** - Instituto Politécnico de Bragança

**MAC** - Modelo de Aprendizagem Cooperativa

**MED** - Modelo de Educação Desportiva

**MEEFEBES** – Mestrado de Ensino de Educação Física no Ensinos Básicos e Secundário

**MID** - Modelo de Instrução Direta

**NE** - Núcleo de Estágio

**PA** - Planeamento Anual

**PC** - Professor Cooperante

**PO** – Professora Orientadora

**UD** - Unidade Didática



# 1. Introdução

No âmbito do estágio profissional, inserido no segundo ano de Mestrado de Ensino de Educação Física, nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, realizei um relatório de estágio de forma a demonstrar as experiências vivenciadas, enquanto professor estagiário, durante este ano letivo. Deste modo, o atual relatório de estágio tem como objetivo principal uma reflexão sobre as experiências que tive enquanto professor estagiário, ao longo do ano.

Assim, o presente relatório simboliza o término de um percurso académico e o início de um futuro na vida da docência. Retrata, pois, a minha experiência como professor estagiário, em contexto escolar, onde tentei aproveitar ao máximo todas as experiências que a escola me foi oferecendo, ao longo do ano letivo, e pôr em prática o que tinha aprendido com os mestres.

Tal como Lima (2008) constata, é através desta dualidade que surge a capacidade de gerar situações técnico-pedagógicas que, efetivamente, irão simplificar e sustentar o processo de aprendizagem, assumindo não só que o conhecimento orienta a prática, mas também a prática permite o aumento do conhecimento.

Ao longo deste ano letivo, realizei o meu estágio profissional, na Escola Secundaria de Rio Tinto que pertence ao concelho de Gondomar, escola esta que recebeu um NE de quatro elementos.

De maneira a relatar todas as minhas dificuldades, experiências, aprendizagens e os vários momentos que passei no estágio, surge, então, este relatório para poder apresentar as reflexões feitas. Estas estão divididas em vários capítulos.

Batista e Queirós (2013) afirmam ser exclusivamente através do desenvolvimento de uma adoção crítica relativamente às práticas docentes aplicadas que se poderá dar resposta às exigências da mesma. De facto, como as autoras referem, sinto que é através das várias ações reflexivas que estamos sistematicamente a realizar após a aula, após a unidade didática, após um semestre e até mesmo após um ano, os professores conseguem efetivamente refazer e de aperfeiçoá-las, tendo sempre como objetivo melhorar a sua prática pedagógica e as relações interpessoais com toda a comunidade educativa.

O primeiro capítulo destina-se à Introdução, o qual incido sobre o propósito, os objetivos, a sua organização do atual documento, bem como a EF na Cidadania.

No segundo capítulo, pretendo abordar a dimensão pessoal, onde me apresento, abordo as minhas vivências enquanto estudante, o porquê de ter escolhido a área de desporto, as experiências que tive como estudante de desporto. Abordo também as expectativas iniciais que tinha para o estágio. Além disso, vou tentar demonstrar a importância da FADEUP para conseguir chegar aqui, pois toda a instituição de ensino tem um papel primordial na formação dos seus pupilos.

No terceiro capítulo, volto as atenções para a escola que me acolheu, fazendo a sua caracterização e, ao mesmo tempo, destacando a sua missão, sobre o DEFP, o NE entre outros pontos fundamentais.

O capítulo quarto é voltado para as concepções sobre a prática de um estágio profissional, bem como a minha experiência, ao longo do ano letivo.

No quinto capítulo, falo sobre todas as experiências e vivências relacionadas com a comunidade da ESRT.

E, por fim, no sexto capítulo, retrato o meu estudo científico sobre: “Que ensinamentos levam os alunos para o estágio do MEEFEBS”

Deste modo, o presente relatório de estágio, baseia-se sobre os diários de bordo de semana a semana na escola.

## 2. A Educação Física na Cidadania

Para mim, a disciplina de Educação Física é muito mais do que ensinar as modalidades e dar as aulas a um grupo de jovens curiosos. Serve também para formar, guiar e preparar jovens para uma sociedade exigente e competitiva, onde só vencem os melhores, pois o mercado de trabalho só assimila e é muito exigente. Assim, somos nós professores que, de certa forma, temos a missão de os auxiliar e de os encaminhar num bom sentido.

Se recuar aos meus tempos de estudante, reconheço que, globalmente, as aulas de Educação Física eram as preferidas dos discentes, pois era aí que se libertavam as energias negativas e onde mais se convivia, quer com os colegas, quer com o professor que lecionava a disciplina. Assim, o professor de eleição é quase sempre o docente de Educação Física, pois este procura ajudar os alunos a nível pessoal e profissional. Obviamente que não quero tirar o mérito aos restantes intervenientes no processo ensino aprendizagem!

Lembro-me exatamente de questionar vários professores com o intuito de saber as suas opiniões para que eu pudesse seguir um melhor caminho, quer académico, quer profissional. Esta consulta aconteceu precisamente pela relação que se criava com estes docentes, pela forma como nos tratavam e abordavam. Foram estas coisas boas que assimilei e tentei pôr em prática durante este ano de EP. Assim, também eu, enquanto Professor Estagiário, espero ter contribuído um bocadinho para a construção do "eu" de cada aluno, pois são as boas práticas pedagógicas que hão de contribuir para formar cidadãos responsáveis e dinâmicos. Foram estas boas recordações que de alguma forma me empurraram para a lecionação desta disciplina, já que conjuga o lado lúdico e didático de forma muito harmoniosa.

Ao longo do ano letivo, por exemplo, tive a preocupação de assinalar o dia de aniversário de cada aluno, mostrando a todos o quão importante é celebrar a vida individualmente e em grupo, já que o homem não é uma ilha, mas, sim, um ser gregário, como afirmou Aristóteles, que precisa de afetos, no seu dia a dia. Este facto, permitiu criar uma dinâmica de grupo que excedeu as minhas expectativas. Na realidade, celebrar o dia de aniversário passou a ser um objetivo de todos eles e assim o espírito de grupo foi crescendo.

Foi, também, minha preocupação destacar datas memoráveis com o objetivo de os alertar para os grandes valores da humanidade, como a solidariedade e o amor para com aqueles que sofrem. Assim, em outubro, o mês rosa, alertei para a necessidade de prevenir o cancro da mama, por isso o tema foi debatido no pavilhão e, além, disso todos os alunos se fizeram acompanhar de uma camisola rosa na aula seguinte para não deixar passar a data em branco. Acredito que alertar é prevenir. Tendo consciência que é um tema difícil de abordar junto dos jovens, não deixei de o fazer, pois o problema, infelizmente, também está presente, quase em todas as famílias e como tal torna-se necessário abordá-lo.

Ao longo do mês de novembro propus aos discentes da turma que não fizessem a barba para que o suposto dinheiro gasto em lâminas a fazer a barba revertesse a favor do cancro da próstata, um problema, como sabemos, afeta muito os homens. Assim, com a iniciativa do “No Shave november” pretendi alertar os alunos para esta realidade masculina, que não pode ser ignorada pela sociedade.

A outra data que também assinalei foi o dia da pessoa com deficiência, por isso decidi fazer uma aula diferente. De facto, os discentes tiveram de fazer uma aula sentados, desde o aquecimento até à realização da situação de jogo para sentirem na pele as limitações de um deficiente motor. Os alunos aderiram à iniciativa, percebendo o quão difícil é desencadear atividades quando os membros não estão todos operacionais. Uma experiência para todos eles inesquecível.

Tendo em conta a realidade que estamos todos a viver, a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, não podia ficar indiferente ao problema dos refugiados da Ucrânia. Por isso, para colmatar esse problema, depressa desencadeei ações no sentido de os ajudar. Procedeuse, então, à recolha de alimentos para que, por sua vez, estes chegassem aos mais necessitados. Um drama ao qual ninguém pode ficar indiferente. Mais uma vez, o espírito de solidariedade fez-se notar, ajudando, cada um, com aquilo que podia para que chegasse com a maior brevidade possível aos refugiados.

Logo no início do ano letivo, reparei que na turma não existia um grande espírito de união, apesar de estarem juntos há já algum tempo, pois eram uma turma de 11º ano. Assim, depressa pensei numa estratégia que alterasse esta forma de estar, pois queria promover o espírito de grupo. Nunca se pode esquecer que os alunos passam mais tempo na escola que em casa.

Cada aula minha terminava com uma roda, onde colocávamos as mãos no centro e gritavam o nome da turma. O interessante é que passado algum tempo, se esse gesto não acontecia, já eram eles a cobrá-lo. De facto, o espírito de grupo cresceu imenso. É importante que se diga que esta evolução também se deve ao PC e ao restante conselho de turma.

No final do ano letivo, foi realizado um convívio, onde, mais uma vez, foi reforçada a necessidade de se manterem unidos enquanto turma. Como diz a canção “juntos seremos mais fortes”.

Assim, posso concluir que a disciplina de Educação Física é uma disciplina muito importante, pois ajuda a estruturar os jovens a nível físico e mental. Só teremos uma mente sã num corpo sã. Esta disciplina procura não só exercitar o corpo como a mente e a alma, pois visa a formação integral do aluno, onde os problemas que a sociedade enfrenta não são ignorados.

Acredito, sinceramente, que todas as atividades que desenvolvi com eles, sobretudo as de cariz social, jamais serão esquecidas. Se isso acontecer, ficarei muito feliz, porque o papel do professor não é apenas verbalizar conteúdos, mas, sim, formar e educar para a construção de uma sociedade melhor e mais justa, mesmo que isso pareça uma utopia.

De acordo com Grazielle Dias (2016), a Educação Física ensina através do corpo o que você não é capaz de dizer com palavras ou explicar com números.

Abri o ano letivo com esta frase, deixando os discentes a pensar sobre a mesma, pois a reflexão individual é necessária para todos nós.

### 3. Dimensão Pessoal

### 3.1 Dimensão Pessoal

O meu nome é Miguel Inês Cardoso Amaro. Sou natural da Guarda, uma cidade do interior do nosso país, conhecida pela cidade dos 5F's e a cidade mais alta de Portugal continental. Esta pequena cidade com apenas 712,1km<sup>2</sup>, foi onde comecei a dar as minhas primeiras pisadas, quer a nível pessoal, como a nível desportivo. Foi, de facto, a urbe que me viu nascer a vinte e três de março de mil novecentos e noventa e seis (23/03/1996). Desde muito cedo, descobri qual seria a minha vocação. Comecei a jogar futebol federado desde os meus seis anos até aos dias de hoje. Sempre estive muito ligado ao desporto, não só por influência da família, pois assistíamos a vários eventos desportivos, mas também à prática de desporto saudável, visto que tive a oportunidade de praticar vários desportos.

A minha experiência como aluno de Educação Física apenas começou no 5º ano. No meu 5º e 6º anos, as aulas abordaram vários conceitos teóricos e pratiquei vários exercícios de ginástica das várias modalidades desportivas: Futebol, Basquetebol, Andebol. No 7º ano, foram abordadas mais modalidades de forma mais aprofundadas. Como o meu professor de Educação Física era também o treinador responsável pelo Andebol do desporto escolar e devido aos meus resultados na avaliação diagnóstica, fui selecionado para integrar equipa de Futsal e Andebol do Desporto Escolar. Do 7º ano ao 9º ano, participei no Futsal e Andebol do Desporto Escolar. No meu 8º e 9º anos, participei no Compal Air. Já no ensino secundário, 10º ano, fui para o curso Profissional “Técnico de Apoio à Gestão Desportiva”, onde tive unidades curriculares mais próximas do que iria ter na licenciatura, não só a nível das aulas práticas, como das aulas teóricas e aí fiquei com mais certezas do que queria, pois neste curso tive acesso a muitas mais experiências desportos do que já tinha tido até ao momento. Desde desportos radicais, desportos de inverno até a desportos de água e mar fiz de tudo um pouco. Este conjunto de desportos ajudaram-me a perceber que, na realidade, queria ser professor de Educação Física.

No 12º ano, realizei um estágio na escola secundária que frequentava, sobre a orientação do meu orientador de estágio e preparei aulas para alunos do 11º e 12º anos. Este estágio foi determinante, pois ajudou-me a ter a certeza do que queria fazer profissionalmente. Adiei esse sonho durante um ano. Após o final do 12º ano, optei por ir para o exército, uma tropa especial os Paraquedistas. Foi um ano onde a prática do exercício físico e desporto era permanente, com muita disciplina e rigor. No ano seguinte,

ingressei na licenciatura em desporto, na cidade de Bragança. Estes três anos em Bragança contribuíram para ser o que sou hoje, com muitas vivências, aprendizagens e experiências.

Após concluir a licenciatura, analisei onde poderia tirar o mestrado via ensino e a minha escolha, para continuar o meu percurso académico, recaiu na FADEUP, considerada a melhor faculdade de desporto do país. A credibilidade da faculdade de desporto advém das excelentes instalações e da excelente equipa de docentes que apoia os alunos que aqui chegam ávidos para se formarem profissionalmente.

Foi uma decisão e a escolha ideal para quem pretendia obter formação na área do desporto, por isso contribuiu para o meu crescimento profissional e pessoal, tornando-me na pessoa que sou hoje. Apesar de estarmos a passar por uma situação de pandemia, fiz muitas aprendizagens e partilhei vivências e experiências que jamais esquecerei. Todos os professores contribuíram para a realização do meu estágio com mais eficácia e eficiência, por isso um bem-haja a todos.

Após o término do primeiro ano de mestrado, tivemos de escolher as escolas para onde queríamos ir. Acabei por ser colocado na escola secundária de Rio Tinto, onde realizei o estágio profissional. Foi mais uma aventura entre as tantas que tive oportunidade de enfrentar: conhecer outra cidade, outra escola, outras experiências. Esta escola para a prática da Educação Física tem um grande leque de ofertas.

A comunidade escolar entrega-se de corpo e alma, pois pretende levar o mais longe possível o nome da escola. Assim, existe sempre grande adesão às práticas desportivas realizados pelo Departamento de Educação Física da Escola. Afinal, como diz o povo, a união é que faz a força.

### 3.2 Expectativas criadas e o contributo do primeiro ano de mestrado para a formação pessoal

*“mas gostei de sentir e de estar do outro lado apesar do nervosismo, estava a acontecer e íamos ser só um e trabalhar em equipa”*

*“Reflexão nº1 – (21/09/2021)”*

As minhas expetativas iniciais, para o ano letivo 2021/22, estavam rodeadas de incertezas e medos, mas também de muita vontade e ambição, pois era o ano e o momento pelo qual há muito tempo esperava. Tenho que confessar que a primeira vez que vi que ia para Rio Tinto fiquei nervoso, uma vez que não conhecia muito as escolas do Norte e suas instalações e fiquei curioso, nervoso, mas com vontade de abraçar uma nova aventura numa cidade e escola desconhecidas. De facto, estava convicto de que seria um ano cheio de aprendizagens e de desafios constantes e que os conhecimentos lecionados, ao longo do ano anterior, iriam ser aplicados. Ao longo do ano, aprendi muito, pois só estando no terreno podemos aperfeiçoar o saber teórico e sermos melhores profissionais.

As expetativas eram imensas: esperava ter uma boa turma, uma boa escola com condições para a prática do exercício físico, mas, por outro lado, também tinha algum receio de falhar e estar meio perdido perante a turma, mas acreditava que com o tempo tudo se iria tornar mais fácil e que iria conseguir responder a todos os desafios com um grande empenho e dedicação. Estava convencido que iria aprender muito com os alunos e com os professores, quer da FADEUP, quer da escola secundário de Rio Tinto, pois vontade não me faltava para vencer todas as barreiras. Querer, na realidade, é poder!

Todos estes receios também foram atenuados pelo núcleo de estágio, onde reinou sempre um espírito de cooperação. Afinal, estávamos todos no mesmo barco, ou seja, todos os elementos estavam a iniciar a sua vida profissional e, claro, todos queríamos ser vencedores!

Uma das coisas que mais me tranquilizou foi saber que me tinha sido atribuída uma turma dinâmica e empenhada em todas as disciplinas. Eram, portanto, alunos, curiosos e ávidos pelo saber, logo o meu papel ali passava, sobretudo, por lhes proporcionar bons momentos de aprendizagem sem nunca esquecer a interdisciplinaridade com as restantes disciplinas.

Desenvolvi todas as atividades assentes em coordenadas, como a cooperação, o *fair-play*, o empenho, a disciplina, a autonomia. Fatores que sempre me foram inculcados ao longo da formação académica.

Piéron (cit. por Rodrigues & Ferreira, 1998) afirma que o estágio profissional assume particular interesse na formação dos professores por ser uma etapa de convergência, de confrontação entre os saberes "teóricos" da formação inicial e os saberes "práticos" da experiência profissional e da realidade social do ensino.

Em suma, foi, certamente, o ano letivo mais desafiante que já enfrentei, mas também um dos mais interessantes, pois esforcei-me por vencer todos os obstáculos, quer desafiando-me a mim próprio, quer desafiando e apoiando todos aqueles que me cercavam, nomeadamente os discentes que estavam debaixo da minha alçada.

## 4. Enquadramento – A Escola

#### 4.1: Caracterização da Escola onde realizei o Estágio

O meu estágio profissional realizou-se na ESRT3, que pertence ao concelho de Gondomar. A ESRT3 foi fundada a 30 de junho de 1982, portanto já conta com muitos anos de história e é um privilégio dar continuidade a esta história tão bonita. Inicialmente, a escola deu os primeiros passos em Chão Verde e, mais tarde, mudou, no ano letivo de 1992/1993, para a Travessa na Cavada Nova, onde se encontra até aos dias de hoje. O edifício principal do Agrupamento de Escolas de Rio Tinto, nº3, (ESRT3), foi criado em 2012 e é constituído por 9 escolas. Aí são lecionados todos os níveis de ensino, isto é, desde os jardins de infância ao ensino secundário.

As escolas que pertencem a este agrupamento são: Jardim de Infância de Baguim do Monte, Jardim de Infância Entre Cancelas, Jardim de Infância do Castro, Jardim de Infância do Baixinho, E.B. de Baguim do Monte, E. B. 1 Vale de Ferreiros, E.B.1/J.I, E.B.2.3. Frei Manuel de Santa Inês e E.S. Rio Tinto. Em 2009, a E.S.R.T sofreu obras no edifício pela Parque Escolar, passando a ter melhores e mais superfícies de ensino, quer a nível de espaços teóricos, quer práticos.



Fig 1. Fachada da Escola Cooperante.

#### 4.1.2: Missão da ESRT

A ESRT tem como objetivo cumprir com os objetivos do seu Projeto Educativo, onde todos os docentes e não docentes devem valorizar o saber, o mérito e o seu profissionalismo durante o ano letivo.

Como tal, todos devem ter sempre presente quais os diferentes procedimentos que têm de seguir para que os objetivos da escola sejam atingidos, ao longo de cada ano. Proporcionar o melhor ambiente, as melhores classificações e conhecimento são, sem dúvida, metas desta escola, onde me orgulho de ter trabalhado.

Outro dos objetivos da ESRT é criar laços com a comunidade escolar para que esta seja uma escola de referência a nível distrital e nacional, não só pelas boas práticas educativas como também pelos comportamentos dos discentes. Assim, a todos são exigidas atitudes de cidadania e ética, onde o respeito pelo outro se faça sentir. Afinal, a minha liberdade termina onde começa a do outro.

A ESRT tenciona, também, que toda a comunidade educativa e não educativa sinta que esta escola é uma referência para a vida, porque veicula ensinamentos para o percurso profissional e pessoal de cada um. Nesta perspetiva, a ESRT considera importante aperfeiçoar alguns aspetos da escola, através de várias mudanças que se dividem em três grupos: focalização no sucesso, desenvolvimento do *ethos* da Escola e a melhoria da imagem pública.

O projeto de intervenção que a ESRT tem pensado para o próximo quadriénio está dividido em dois momentos. No primeiro, terá a ver mais com a renovação das instalações físicas para melhorar a qualidade e as condições de aprendizagens dos alunos. Numa segunda fase, pretende-se melhorar as relações interpessoais, contribuindo para criar um ambiente mais acolhedor, confortável de modo a possibilitar que todos os alunos sejam capazes de crescer pessoalmente, mas também socialmente e afetivamente.

#### 4.1.3: Departamento de Educação Física

O Departamento de Educação Física e Desporto (DEFD) é constituído por onze professores e quatro estagiários da FADEUP. Estes estão encarregues de lecionar as aulas de EF, bem como as disciplinas que integram os vários cursos profissionais que a escola tem. São também responsáveis por organizar equipas de desporto escolar e orientá-las, tanto a nível de treinos, como também nos jogos.

O Documento de Organização e de Gestão (DOG) define o regime de funcionamento do DEFD e estabelece as normas gerais de organização, de funcionamento e de gestão e os procedimentos.

Este departamento é conhecido por proporcionar ações desportivas para promover o gosto pela prática desportiva, contribuindo para a aquisição de hábitos saudáveis para a comunidade escolar. O DEFD fica também responsável pela idealização do *roulement* que é feito no início do ano letivo, que mostra o planeamento para o ano letivo todo sempre com as devidas rotatividades (ver nos anexos nº124). O *roulement* na escola encontra-se no corredor principal da escola para que seja consultado pelos alunos.

#### 4.1.4 Professor Cooperante

Falar sobre o PC é um bocadinho complicado para mim, mas vou fazê-lo com toda a lealdade, que me merece. Assim, só posso dizer que, desde o primeiro momento, tive um amigo ao meu lado. Estava ali para me ajudar e apoiar em todas as dificuldades, pois ser um principiante, enquanto professor, não é fácil. Estamos a lidar com comportamentos humanos e além disso nunca se pode esquecer que o docente está a formar jovens, logo todo o cuidado é pouco. Mas o brilho do seu olhar e o seu entusiasmo que punha na prática do desporto foram determinantes para chegar a bom porto na minha missão. Tentei, por isso, assimilar todos os seus ensinamentos para os pôr em prática. Era, para mim, um exemplo a seguir, um modelo a imitar, pelo menos agora que estava a dar os primeiros passos!

Na realidade, o ser humano precisa de modelos, uma vez que tudo se constrói na base da imitação. Somos feitos dos livros que lemos, dos filmes que vemos e das histórias que ouvimos no nosso dia a dia. Sozinhos fazemos muito pouco! De facto, sinto que cresci muito graças à sua postura e conduta no processo ensino-aprendizagem. Tive ao meu lado o amigo para ouvir os meus receios e as minhas dúvidas, para me corrigir sempre que achava necessário ou para me elogiar, porque o verdadeiro amigo também corrige e alerta para os perigos. Tinha, portanto, sempre o momento certo para agir.

Aqui fica, por isso, a minha eterna gratidão, jamais esquecerei os seus conselhos, as metodologias e os ensinamentos que recebi ao longo do ano letivo, que teve tanto de desafiante como de aprendizagem.

#### 4.1.6 Professora Orientadora

A Professora Orientadora (PO), embora não tenha estado tão próxima fisicamente, não deixou de estar constantemente ao meu lado. Sempre senti que estava entregue em boas mãos. Quando nos sentimos confortáveis com quem trabalhamos, tudo é mais fácil.

Na realidade, todos os encontros que mantive com a PO foram apaziguadores, pois a sua preocupação máxima era perceber as minhas dúvidas, os meus receios, bem como a minha integração no meio escolar, quer no que diz respeito à minha relação com os alunos, quer com a restante comunidade escolar. Sempre consciente da importância do acolhimento no espaço onde se trabalha, não se cansava de perguntar como estava a decorrer a minha caminhada como professor estagiário. Senti, na realidade, uma mão amiga a encaminhar-me para o rumo certo.

É igualmente importante dizer que também soube alertar para os erros que foram, por mim, cometidos. Nunca deixou de fazer as suas observações ou críticas, mas sempre numa perspetiva didática, contribuindo, assim, para o meu crescimento profissional e pessoal. Às vezes esses momentos têm um sabor amargo, mas rapidamente percebi que ninguém atinge boas práticas sem a orientação consistente de uma pessoa experiente. Afigura-se-me, portanto, dizer que as suas palavras foram muito especiais e sem elas tudo seria bem mais sinuoso e difícil. Assim, aqui fica o meu sentido bem-haja por toda a ajuda. Como afirma Neves (2007), pretende essencialmente incentivar na reflexão e na apreensão de uma postura crítica por parte do EE perante a sua prática.

#### 4.1.7: Núcleo de Estágio

De acordo com Batista e Pereira (2014, p. 92), “o núcleo de estágio (NE) é entendido como um grupo constituído por estudantes estagiários, orientadores de faculdade e professores cooperantes. Este grupo deve trabalhar como uma comunidade prática, pelo que apresenta como objetivo primordial, o traçar de um caminho repleto de conhecimentos e competências aos estudantes estagiários”.

Assim sendo, o NE Profissional de EF da Aesrt3 era constituído por mim e por mais três colegas, tendo uma delas trabalhado comigo desde o início da minha vida universitária, e as outras duas conheci-as quando iniciei o mestrado. Deste grupo fazia parte o professor cooperante e uma professora orientadora. Portanto, um grupo que se esperava coeso e dinâmico para atingir os objetivos e os desafios ao longo do ano letivo.

É com este intuito que os EEs são introduzidos num NE, de forma que sejam discutidas as conceções, ideias, estratégias e vivências, que existam relativamente a qualquer tema relacionado com a prática profissional.

A partilha de projetos e ideias era essencial para a concretização dos nossos objetivos, enquanto grupo de estágio, pois só o diálogo conjunto nos poderia conduzir a bom porto. Era necessário fazer um conjunto de aprendizagens, porque individualmente não conseguiríamos atingir as metas que nos foram propostas. Assim, começámos, inicialmente, por reunir todas as quintas-feiras com o PC para falarmos sobre o que era preciso projetar ou para esclarecer qualquer dúvida que tivéssemos. Analisavam-se, portanto, os planos de aula, os MECS e tudo o que englobava o estágio no geral.

Foram sempre analisadas, neste NE, as nossas práticas pedagógicas. Ou seja, como assistíamos às aulas uns dos outros tínhamos de apontar os pontos fortes e os pontos fracos uns aos outros, tendo como meta primordial melhorar as nossas atitudes e a forma como transmitíamos os conteúdos didáticos. Na realidade, muitas vezes quem executa não tem uma visão tão exaustiva nem tão perfeccionista daquilo que se faz. Assim, as chamadas de atenção contribuíram, com toda a certeza, para o nosso crescimento profissional e pedagógico de modo a aperfeiçoarmos as nossas práticas, enquanto docentes que querem contribuir para a formação de jovens, no futuro. É, sem dúvida, um trabalho muito exigente e exaustivo que obriga a uma constante análise do que se faz, já que cada jovem é um ser a respeitar e a ajudar a crescer.

O facto de ter ficado com uma colega que já conhecia desde o Instituto Politécnico de Bragança (IPB) facilitou, de certa forma, este meu percurso de estagiário, pois contei sempre com a sua colaboração e ajuda. O conhecimento mútuo permitiu um melhor desempenho de ambos. Com as outras duas colegas também foi fácil interagir, pois estávamos todos ali para levar o barco a bom porto. Apesar das diferenças que existiam entre cada um de nós, o que é normal, tal facto não deixou de ser uma mais-valia, pois com a diversidade também se avança no conhecimento. Todos diferentes, todos iguais. Não quero dizer, no entanto, que não houve pontualmente, alguns desencontros, pois a forma de estar, pensar e sentir é diferente, mas tudo acabou por ter um final feliz! De facto, os desafios, as dificuldades, os erros e os sucessos ganharam uma dimensão bastante atrativa e dinâmica, por se tratar de um dar e receber permanente.

Em suma, foi um ano de muitas e variadas aprendizagens, mostrando-me que é determinante estar atento a tudo e a todos e que o respeito mútuo é fulcral para viver em grupo, em sociedade.

#### 4.1.8: Condições para a prática de EF

A Escola Secundária de Rio Tinto apresenta-se como uma escola de referência a nível regional. O Complexo Desportivo situa-se no interior da escola e integra diferentes espaços e equipamentos desportivos cuja gestão é autónoma e autárquica. Em tempo diurno, as instalações são preferencialmente concedidas para as aulas de EF e Desporto Escolar, mas em tempo extracurricular são cedidas também à comunidade de Rio Tinto.

A escola conta também com um pavilhão construído há pouco tempo, sendo constituído por um pavilhão polidesportivo e também por uma sala de dança/ginástica. O espaço tem, ainda, um campo de ténis *outdoor* e duas arrecadações onde se encontra diverso material para a prática da disciplina de educação física (ver o anexo nº 126).

#### 4.1.9: Regras e práticas para o ensino da Educação Física

Relativamente às regras para a prática da EF da ESRT, os alunos têm a obrigatoriedade de estarem devidamente uniformizados com o equipamento adequado para a disciplina de EF, que é composto por uma camisola, calções ou *legins*. No que diz respeito às regras de segurança para uma aula de EF, todos os discentes tinham de realizar as atividades sem relógios, pulseiras, brincos ou *piercings* e todos deviam ter o cabelo apanhado. Todos os alunos devem demonstrar uma atitude cooperante com os professores na organização e gestão das tarefas ao longo da aula. Inicialmente, pelo facto de estarmos a atravessar um momento de pandemia, os alunos eram obrigados a deslocarse com a máscara de proteção e a devida desinfeção das mãos no início e final da aula, bem como colaborar na desinfeção do material. No final do ano, deixou de ser de cariz obrigatório o uso de máscara, no entanto, era recomendado nos espaços da escola. Estas regras foram apresentadas na primeira aula aos alunos para que decorressem sempre da melhor maneira, o que veio acontecer.

Tal como Rink (2014) refere as regras e rotinas são metodologias pré-instituídas que devem ser aplicadas durante o ano letivo já que possibilitam ao Professor uma boa gestão de aula e tempo, fazendo com que o tempo útil possa ser rentabilizado para o que é fundamental.

## 4.2: Turma Residente

### 4.2.1 Caracterização da Turma Residente

*“O que lhes pedi desde a primeira aula foi compromisso, respeito e que a turma fosse uma só.”*

*“(Reflexão Aula nº1 – 21/09/2021)”*

O final do verão aproximava-se e o nervosismo também, pois estava prestes a iniciar um novo projeto: o estágio na Escola Secundária de Rio Tinto. A ansiedade aumentava à medida que o tempo passava, pois estava a trabalhar numa ilha dos açores como nadador-salvador e o regresso para o continente só se realizou a meio de setembro.

Assim, já cheguei mais tarde ao local onde iria iniciar o estágio. Na realidade, senti-me um pouco “perdido” perante os restantes elementos do estágio, pois já todos tinham tido os seus Conselho de Turma (CT) e eu quando cheguei a minha reunião já tinha acontecido. Apenas sabia que eram vinte e oito alunos nove rapazes e vinte e uma raparigas (Gráfico 1) e que era uma turma muito boa e muito homogénea.

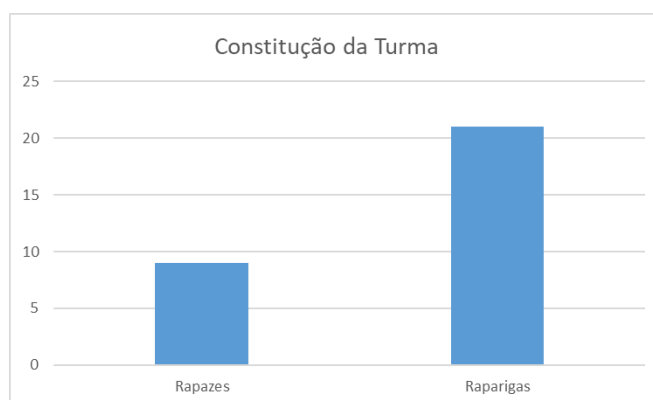


Gráfico 1 – Constituição da turma por sexo.

No entanto, fui muito bem recebido e todos, sem exceção, tentaram colocar-me a par dos acontecimentos.

Na primeira aula que lecionei aos meus alunos, decidi fazer-lhes um questionário para os conhecer melhor. Assim, pude observar que tinha muitos discentes que praticavam desporto federado e que toda a turma gostava das aulas de EF e fazer exercício físico.

Fiquei, igualmente, a saber que ninguém tinha problemas físicos, o que me deu maior liberdade para as escolhas de exercícios para o treino funcional, que fomos fazendo

ao longo das aulas. Além disso, fiquei a conhecer qual a modalidade preferida e a que menos gostavam e quem praticava desporto federado ou não. Consegui perceber que todos os alunos da minha turma gostavam, na globalidade, de Educação Física, o que me deixou bastante feliz.

As suas modalidades preferidas eram: o basquetebol, modalidade escolhida por dezoito alunos; o voleibol por dezassete. O badminton foi escolhido por quinze discentes e a dança por dez. O futebol e o andebol foram selecionados por sete e, por fim, a ginástica e o atletismo com seis alunos. Em relação ao desporto fora da escola, sete discentes eram federados: cinco frequentavam o futebol, um o voleibol e outro andebol.

Agora que já conhecia um pouco do seu lado desportivo, também decidi contar o meu projeto de vida e o trajeto desportivo, criando, assim, alguma cumplicidade entre mim e eles. Um dos meus primeiros apelos prendeu-se com a necessidade de sermos um grupo coeso e para tal o respeito era a condição essencial para o sucesso de todos. Outro pedido que formulei dizia respeito à felicidade, pois só com atitudes positivas alcançamos os objetivos pretendidos. Sabendo que o conceito de felicidade é lato, não me cansei de lhes dizer que tristezas não pagam dívidas, como afirma sabiamente o povo. Acredito, piamente, que é esta a postura certa para enfrentarmos as adversidades.

Confesso que arrancar sorrisos na primeira semana não foi a coisa mais fácil do mundo, mas há medida que o tempo foi passando tudo se foi alterando. O meu conhecimento em relação à dinâmica da turma era cada vez maior, pois todo o conselho de turma contribuiu para que tal acontecesse. Claro que eu também me dei a conhecer à turma. Foi dentro desta dinâmica que construímos um ambiente saudável sempre assente no respeito e na diferença.

O que acaba de ser dito está bem expresso nas palavras de Bento (1986) quando afirma que o conhecimento de fatores psíquicos, físicos, sociais, económicos e hábitos quotidianos dos alunos são fundamentais para a condução do processo ensinoaprendizagem. Através do conhecimento, fica mais acessível perceber o “como” conseguir motivá-los para evoluir e aprender.

Por vezes, também, me apercebia do seu nervosismo e inquietação, sobretudo se a turma tinha testes depois da minha aula. Nesses momentos, tinha de optar por exercícios mais relaxantes, mas sem deixar de alertar para a necessidade de colaborar, porque, como diz Aisha Linda “Educar não é cortar as asas, mas, sim, orientar o voo”.

Na realidade, ao longo do ano letivo, procurei sempre perceber o seu percurso académico e até pessoal, caso eles quisessem fazer algum desabafo. Estive sempre disponível para os ouvir e aconselhar, pois o professor para além de ser um transmissor de conhecimentos, deve também preocupar-se com a formação integral do aluno, sobretudo quando o docente possuiu um conhecimento sobre famílias mais desestruturadas.

#### 4.3: Reflexão Final acerca de estratégias que os alunos tiveram

Com base no que aprendi na Didática Geral pus em prática, ao longo do ano letivo, três modelos diferentes, a saber: o Modelo de Instrução Direta (MID), Modelo de Educação Desportiva (MED) e Modelo de Aprendizagem Cooperativa (MAC). Comecei com o MID, que apliquei nas modalidades de Voleibol, Basquetebol e Badminton.

Segundo Graça e Mesquita (2006) os modelos instrucionais definem-se como sugestões que colaboram na idealização e preparação das intenções educativas, da interação pedagógicas e da relação didática entre o docente, o aluno e o conteúdo.

Foi dentro desta filosofia que tentei movimentar-me e desenvolver o meu trabalho, junto dos alunos.

Quando iniciei o Futsal, decidi mudar de estratégia e, por isso, apliquei o MED, porque queria experienciar outros métodos com os alunos.

Depois de lhes ter apresentado em que consistia o MED, propus-lhe um conjunto de atividades. Assim, tiveram de arranjar uma mascote, um nome para a equipa, o lema da equipa, a cor da equipa, o grito de guerra, o capitão e o treinador para a equipa e, por último, quem iria fazer os registos dos jogos.

Foi compensador, para mim, verificar que até os alunos que gostavam menos de futebol passaram a interessar-se mais pelo desporto. O espírito de grupo vingou!

Depois passámos para a unidade didática (UD) Ginástica e mudei outra vez de modelo, aplicando o MAC. Neste modelo, dei liberdade total para fazer grupos, escolher coreografia, as figuras, os elementos de ligação. Enfim, todos tiveram a oportunidade de dar a sua opinião e desenvolver o projeto previamente projetado pelo grupo. Penso que foi um momento feliz para todos, visto que tiveram a possibilidade de fazer as suas próprias escolhas.

Como tinha alunos que também queriam apresentar algumas coreografias de dança, permiti que desenvolvessem coreografias e as ensinassem à turma como forma de aquecimento. Assisti a um número infindável de coreografias. Foi engraçado ver que toda a turma “alinhou” e gostou. Os rapazes no início estavam mais renitentes, depois acabaram por ser conquistados, dançando com entusiasmo. Claro que eu, como professor, também,

levei duas coreografias para ensinar à turma, coreografias essas que decorreram muito bem.

Em suma, acho que todos os modelos que usei funcionaram bem e foram aplicados nos momentos certos, excedendo até as minhas expectativas. Claro que também contei com a ajuda incondicional do PC para a concretização de todos os objetivos. É caso para dizer que uma equipa bem organizada vai longe.

## 4.4: Turma Partilhada

### 4.4.1 Caracterização da Turma Partilhada

Os desafios continuavam. Para além da turma do secundário, o PC alertou os estagiários para a obrigatoriedade de lecionar também aulas a uma turma de 5º ano, pois era necessário fazer outras experiências para além do ensino aos alunos do secundário.

A turma partilhada que nos foi cedida foi o 5º ano de escolaridade, que pertencia à E.B de Baguim do Monte, onde cada elemento lecionou 20 aulas, sendo desenvolvidas quatro modalidades: o basquetebol, o futsal, o voleibol e o andebol.

Foi um desafio enorme, para todos nós, pois agora não estávamos perante alunos do secundário, mas, sim, perante jovens bem mais novos. A turma era constituída por dezoito alunos e, no início, não foi fácil impor regras de comportamento e respeito, mas progressivamente tudo foi mudando, pois, o NE promoveu um conjunto de estratégias para limar a agitação dentro da sala de aula. Na verdade, na confusão não há aprendizagem, por isso este foi o primeiro desafio com a turma do quinto ano.

Como estavam presentes dois estagiários, outra estratégia passou por separar os rapazes das raparigas. Assim, um ficou com os rapazes e outro com as raparigas, visto que nestas idades os meninos preferem jogar com o mesmo sexo e as meninas também. Porém, em outros momentos realizámos jogos em que os rapazes jogavam com as raparigas e vice-versa.

Confesso que esta estratégia, por vezes, gerava alguns conflitos e desentendimentos, por isso cabia-nos a nós, enquanto professores e educadores, fazer a sua gestão, mesmo sabendo que não iríamos agradar a gregos e troianos. As regras e seu cumprimento são determinantes para a conquista de objetivos.

Como afirma Queirós (2020) quer o Professor na sala de aula, quer a escola na sua íntegra, naquilo que esclarece e não esclarece, no que autoriza e não autoriza, no que estimula e no que se força a ignorar, ensina aquilo em que acredita e que tem grande valor para si, o que considera correto e menos correto, explana valores. Valores estes dos quais a Educação não se pode escapar.

De salientar que, apesar da fleuma que às vezes as nossas regras impunham, depois acabaram por compreendê-las e acatá-las. Foi uma questão de tempo para que a cumplicidade fizesse parte dos nossos encontros!

Na realidade, a cooperação entre professor/aluno e aluno/professor acabou por refletir-se nas aprendizagens. Assim, o seu desempenho no voleibol foi significativo e superou as expectativas do PC. É bom quando todos são vencedores!

Averigua-se-me importante dizer que esta turma me pôs à prova, por isso tive de procurar novas estratégias para resolver situações com as quais ainda não me tinha deparado. Gostei muito de trabalhar com esta turma e certamente lembrar-me-ei sempre deles, agradecendo-lhes por esta experiência e aprendizagem. Afinal, aquilo que não nos mata, torna-nos mais fortes.

## 5. Enquadramento Operacional

## 5.1 Organização e Gestão do processo de aprendizagem

### 5.1.1 Da conceção do ensino ao planeamento

De facto, a conceção e o planeamento, do ensino são urgentes e indispensáveis, pois é os conhecimentos das situações que leva a uma resolução e explanação mais eficaz, onde todos beneficiam.

Bento (2003) apoia a ideia da contextualização da conceção de ensino, no sentido de ser imprescindível a relação entre o envolvimento e os programas de ensino atuais. E Matos (2014) sustenta a visão de Bento, ao realçar que, no instante da conceção de ensino, é fundamental ter em atenção os valores de investigação em educação, assim como o contexto cultural e socioeconómico da escola, comunidade e alunos envolventes, no sentido de desenvolver e aperfeiçoar a discência.

Para atingir os meus objetivos e seguindo de perto os ensinamentos dos grandes mestres, no início do ano letivo, foi minha preocupação procurar e explorar o Programa Nacional de EF, conjugando as aprendizagens principais com o PA que o PC nos tinha dado e também com os propósitos a realizar nas modalidades que iríamos lecionar. Além disso, consultei outros materiais que o PC nos forneceu a fim de alargar os meus conhecimentos sobre a prática da disciplina de EF. Ao consultar estes documentos foi muito importante para mim, pois permitiu-me retirar várias notas e ideias, serviu também para aperfeiçoar as aprendizagens já adquiridas ao longo do meu processo de formação, a nível do meu percurso académico.

Jacinto et al. (2001) apontam que os Programas Nacionais de EF servem para orientar os professores no processo de planificação, remetendo para a necessidade de coordenação entre eles.

A análise detalhada de diferentes documentos permitiu-me visualizar a disciplina de EF de uma forma multifacetada. Assim, ao longo do ano, as experiências e as vivências que fui tendo, levaram-me a uma mudança de pensamento sobre o que é ser professor e sobre o ensino de EF e deixei de olhar só para o plano de aula e os seus pontos chaves e respetivos exercícios.

Ou seja, para além da investigação individual e da aquisição teórica de conhecimentos, também é determinante olhar para as minhas práticas profissionais para corrigir, sempre que possível, os erros efetuados. A consciência de que não somos

perfeitos, é determinante para a correção das nossas falhas. A humildade deve fazer parte do vocabulário de um professor que procura fazer cada vez melhor, tendo sempre a consciência que a perfeição não existe, mas, como afirma António Gedeão, sempre que o homem sonha o mundo pula e avança como bola colorida entre as mãos de uma criança.

## 5.2 O Planeamento Anual

Logo nas primeiras reuniões, o PC disse-nos quais seriam as modalidades que iríamos abordar ao longo do ano e quantas aulas iríamos ter para cada uma.

Sugeriu que devíamos iniciar o nosso trabalho pelo voleibol e depois em conversa no NE, concordámos com a opinião do PC, iniciando o nosso trabalho com uma ficha de avaliação diagnóstica.

De acordo com Graça (2001), o planeamento é como uma fresta que está aberta estrategicamente para refletir o ensino, remetendo para a importância do planeamento na construção e no plano da ação educativa.

Para Lopes et al. (2015), o planeamento é essencial para a aprendizagem. O planeamento torna-se indispensável e deve ser ajustado às desigualdades individuais dos alunos. O docente terá um papel fundamental e deverá, conscientemente, de forma organizada, refletir sobre a sua conduta, para ajustar o planeamento à realidade das turmas.

O modelo de planeamento que utilizámos, inicialmente, foi por Ciclos de Atividades em Blocos. No segundo semestre, usámos outro tipo de planeamento, fomos cruzando as diferentes modalidades. Este modelo é muito tradicional na EF, mas muito utilizado pelos professores.

O planeamento define-se como o globo de deliberação, no qual o docente estabelece previamente quais os resultados que pretende atingir no Ensino e para o que é que deve despende tempo e forças (Bento, 2003).

Nas primeiras aulas, os estagiários frequentaram as aulas uns dos outros e cada professor estagiário ficava encarregue de avaliar um grupo de alunos, que depois daríamos ao professor responsável da turma para que ele fizesse a sua UD ajustada às necessidades da sua turma com base na avaliação diagnóstica. Para o voleibol, tivemos de dar dezasseis aulas, onde cada professor ajustou os conteúdos que iria abordar.

Em NE de estágio, decidimos também que iríamos sempre andar em concordância com as modalidades, portanto, ao longo do ano, todos demos as mesmas modalidades e ao mesmo tempo e decidimos a ordem das mesmas, ficando decidido que se iria começar pelo voleibol, seguindo-se o basquetebol e depois o futebol. Por fim, a ginástica, dada a situação de pandemia.

Para todas as modalidades à exceção de basquetebol tínhamos, dezoito aulas e para o basquetebol dezasseis.

Depois da primeira modalidade, cada professor estagiário começou a realizar sozinho o planeamento para as respetivas modalidades, bem como a fazer a avaliação diagnóstica.

Eu tive o privilégio de ter sempre espaços interiores para realizar as aulas, portanto, consegui sempre fazer um bom planeamento a nível das modalidades e das aulas, que foi sempre uma coisa que o PC disse para irmos tendo atenção.

A minha dificuldade a nível de planeamento foi só a nível do voleibol e do badminton, pois senti que a turma poderia ter ido até ao 6x6 em voleibol e chegar mais cedo ao 2x2 no badminton.

Em suma, sinto que fiz um bom planeamento a nível geral das modalidades, pois cumpri sempre com o que tinha planeado, mas também como tinha uma turma muito empenhada fizeram-me acelerar algumas técnicas, tendo de rever a UD que tinha elaborado.

### 5.2.1 Unidade Didática

A unidade didática dá seguimento ao que se faz no planeamento anual, mas de forma mais particularizada.

Bento (2003) esclarece que as UD's se caracterizam como instrumentos fundamentais no processo pedagógico e possibilitam aos professores uma perspetiva aprofundada acerca das fases do processo de ensino-aprendizagem. Os docentes devem ter a responsabilidade de elaborar este planeamento para todas as matérias em que incorporem uma sequência lógica de conteúdos programáticos esperados para determinada matéria.

No primeiro ano, nas Didáticas Específicas de Desporto I e II foi preciso irmos fazendo UD's, o que serviu para este ano letivo termos uma base de dados para nos orientarmos para a realização das UD's.

Em NE, elaborámos a UD de Voleibol. De seguida, cada professor tem autonomia para ir adaptando a UD em função da dinâmica da sua turma, pois estas avançam a ritmos diferentes. Na sua elaboração foi utilizado o sistema de Vickers.

Vickers (1990) aponta para a necessidade de obter um *overview* das práticas e condições de ensino na fase inicial do planeamento. A elaboração das UD's remete para uma pormenorizada descrição relativamente aos conteúdos de ensino que um professor projeta ao longo do ano.

De facto, ao longo do ano em estágio elaborei o total de cinco unidades didáticas: voleibol; basquetebol; badminton; futsal e ginástica. Estas UD's tinham todas a mesma carga horária tirando o basquetebol que era a única que não tinha a mesma carga horária, o que facilitou o trabalho.

Confesso que em todas as modalidades alterei as minhas UD's, pois a turma, que me foi atribuída, tinha um ritmo de aprendizagem bastante rápido. Além disso, a globalidade dos discentes gostava da disciplina de EF. Estes dois fatores contribuíram para que, por vezes, avançasse mais rapidamente nos conteúdos, obrigando-me, portanto, a reformular as UD's. No entanto, sinto que na primeira modalidade, voleibol, poderia ter chegado ao 6x6, mas como foi a primeira, talvez ainda não estivesse preparado para que eles conseguissem avançar tanto! Fiquei apenas pelo 4x4, ficando com a sensação de que falhei.

Mesquita e Graça (2009) corroboram o que acabei de afirmar, dizendo que o processo de aquisição de conhecimentos de uma dada modalidade encontra-se relacionado com o período gasto quanto à qualidade e quantidade de execução.

Evidentemente que, nas próximas UD's estive mais atento.

*“...foi no exercício do remate ter passado um bocadinho do tempo, pois estive a trabalhar individualmente com algumas alunas que estavam com dificuldades em perceber o movimento da chamada para o remate e fui trabalhar com elas individualmente para que percebessem o movimento correto, o tempo foi bem entregue, pois, a seguir quando voltaram para o exercício conseguiram melhorar.”*

*(Reflexão nº 12 – 11/11/2021)*

Concordo plenamente com as palavras de Jean Piaget quando afirma que “O professor não é o que ensina, mas o que desperta a vontade de aprender”.

Na verdade, foi sempre essa a minha preocupação: despertar a vontade de aprender.

Tenho plena consciência de que a vontade de aprender supera todas as barreiras, impede cada aluno de ficar para trás, sobretudo se o professor também estiver atento ao ritmo de cada elemento.

Na verdade, estive sempre atento a todos eles e assim que algum se afastava da meta pretendida, tinha a preocupação de dialogar com ele para perceber os motivos que contribuía para esse atraso. Claro que as minhas deliberações estavam em sintonia também com as UD's. As UD's são, na realidade, documentos que estão sempre a ser revistos e a serem modificados ao longo do ano, pois permitem-nos realizar mudanças em qualquer planeamento de forma mais rápida, dando-nos a possibilidade de ajustarmos de o conteúdo ao problema com que tem que se lidar. Percebi também que os planos de aula e as UD's estão sempre em sintonia, pois os objetivos específicos da aula devem ser o que temos programado na UD.

### 5.2.2 Plano de Aula

A elaboração de um plano de aula, refere Bento (2003), traduz-se na ligação do conjunto de planificações da lecionação pelo docente.

Não se pode ser professor sem ter sempre presente a elaboração do plano de aula, dado que este é um fio condutor de todo o trabalho que os docentes vão desencadear com os seus alunos.

Todos os planos de aula foram feitos em grupo. Ou seja, o NE reunia para o elaborar, como sempre recomendou o PC. O objetivo desta estratégia era conciliarmos o conjunto de ideias para e nada fosse descurado, pois a união faz a força! Este trabalho foi sempre efetuado sob a vigilância do PC, por isso em alguns momentos houve necessidade de fazer algumas alterações, mas todos nós estávamos ali para aprender.

Na aplicação de um plano de aula, o professor tem que ter em consideração dois grandes princípios da EF, a saber: mais precisamente a aprendizagem através de exercícios de natureza progressivo e que correspondem aos objetivos planeados para aula, ao saber de antecedência o material que tem disponível para a aprendizagem.

O plano de aula serve de orientação e de suporte ao professor ao longo do ano letivo, por isso deve ir ao encontro das características da turma e sua progressão na aprendizagem dos conteúdos. Assim, o professor deve dar sempre importância aos conteúdos que irá introduzir ou exercitar, dependendo do desempenho da turma ou quais os conteúdos que deve consolidar mais, tendo sempre por base os objetivos específicos.

Outro elemento que não pode ser descurado é a segurança, por isso alertei muitas vezes os alunos para esse fator, em todas as aulas, mas, talvez, mais nas aulas de EF. O bom professor também é aquele que zela pela integridade física dos seus elementos. Assim, tentei sempre inculcar em todos eles a proteção do outro em todas as atividades que desenvolvessem.

*“..... na modalidade basquetebol, onde as coisas não estão correr muito bem e eu levava sempre um quadro onde colocava-la o plano de aula para que fosse ir vendo aquelas palavras mágicas para lhes poder transmitir e poder ajuda-los, mas hoje na aula deixei esse quadro do inicio ao fim da aula e apenas me foquei neles e no exercício e a partir de hoje percebi que não precisava mais daquele quadro para aquele tipo de função e foi a partir de hoje que percebi que o que tinha pensado dizer sai de forma*

*natural e não era preciso quadro.”*

*“(Reflexão n° 21 – 14/12/2021)”*

Ao estar mais focado nos exercícios que os alunos realizavam, permitia-me ir ajustando o exercício na sua estrutura, nas suas variantes para que os alunos conseguissem obter mais ensinamentos em relação às matérias abordadas na aula. Outra coisa que melhorei, ao longo deste ano letivo, foi a realização do plano de aula.

Sempre que iniciava uma modalidade tinha que ver quais as técnicas que não estavam as técnicas que ainda não estavam tão bem aprimoradas e como as iria trabalhar, por isso, tentei documentar-me o mais possível. O PC também nos facultou um livro ao qual fui muitas vezes buscar informações e exercícios para aplicar nas aulas, mas também fiz muitas pesquisas para conseguir corresponder às expectativas dos alunos.

No entanto, o professor, por vezes, tem de saber contornar novas situações, que o contacto com os alunos lhe exige e por mais investigações que faça nunca parecem suficientes. Ou seja, o bom senso também pode ajudar a resolver algumas situações imprevistas para quais o professor também tem que estar preparado.

## 5.2.3 Realização do Processo de Ensino de Aprendizagem

### 5.2.3.1 *Relação entre aluno-professor*

Segundo Bento (1987), os resultados dependem da dinâmica das aulas e do que o professor e os alunos concretizam, e, por isso, o clima relacional é um dos fatores dos quais a aprendizagem do(s) aluno(os) parecem depender.

Tendo em conta que o homem é um ser gregário, ou seja, não vive sozinho, mas, sim, em grupo, as relações humanas são determinantes, quer para o bem-estar físico e mental, quer para qualquer tipo de aprendizagem. E se estamos a falar de jovens tudo isso ganha ainda mais importância.

Consciente de tudo isto, sempre considerei a minha relação com os alunos um fator crucial, pois sabia que toda a aprendizagem assenta na relação que se estabelece entre o professor e o aluno. Assim, ao longo do ano letivo, dei muita importância à minha relação com a turma do 11º ano e, claro, a todas onde lecionei. Sabia, pois, que o seu sucesso dependia muito desta interação. No entanto, nunca deixei de ser firme e exigente no desempenho das minhas funções, pois não poderia permitir qualquer tipo de abuso. A autoridade do professor jamais poderá ser posta em causa, pois se isso acontecer poderá comprometer o bom desempenho de todos dentro bem como o almejado sucesso, no processo ensino-aprendizagem.

Santos, (2013), afirma que a orgânica da relação comporta uma reciprocidade inerente. É neste quadro complexo relacional – ativo –, que o professor guia e potencia a dinâmica da aula, o processo de ensino-aprendizagem e, por consequência, o sucesso escolar do aluno.

Apesar da inexperiência, uma vez que estava a dar os primeiros passos enquanto professor, o saldo do meu desempenho é francamente positivo. É evidente que, no início do ano letivo, estávamos todos ansiosos, mas à medida que fomos interagindo tudo se tornou mais fácil para mim e para eles. Afinal, a aprendizagem tem de ser constante, onde todos têm de dar o seu melhor!

A cereja no topo do bolo chegou no final do ano letivo. De facto, recebi da minha turma um texto lindíssimo, onde todos os discentes exaltaram o meu desempenho enquanto professor e enquanto pessoa, num convívio organizado pela turma. Quem semeia, colhe! E não há nada que reconforte mais que o apoio e gratidão daqueles com quem trabalhamos!

## 5.2.6 Palavra-chave e Questionamentos

De acordo com Rosado e Mesquita (2011), o questionamento otimiza os momentos de ensino.

As intenções do questionamento passam por ampliar a capacidade reflexiva do discente e por encontrar soluções para determinados problemas, em que o professor auxilia no processo e facultá-lhes as competências necessárias para interpretar e analisar as suas ações Clemente, (2014).

No plano de aula definia sempre quais eram as palavras-chave que deveria usar em cada exercício. Fiz sempre isso nas diferentes modalidades que lecionei para que todos os discentes soubessem destringir o crucial do supérfluo.

Foi minha preocupação, de facto, mostrar-lhes que em todos os conteúdos abordados havia conceitos, palavras que eram fulcrais para o sucesso não fosse uma miragem, mas, sim, uma meta ao alcance de todos. Claro que, muitas vezes, para nos centrarmos no essencial, é necessário alargar os conceitos e a informação. No entanto, é, igualmente, importante orientar e conduzir os discentes para o objetivo primordial: as palavras-chave relativas ao conteúdo lecionado.

A metodologia de aquisição de conhecimento deve-se muito à comunicação entre professor e alunos e entre os próprios alunos, por isso foi sempre minha preocupação criar momentos de interação verbal para esclarecimento dos conteúdos.

No início do ano letivo, há sempre alguns constrangimentos e são compreensíveis, pois é preciso perceber as dinâmicas do grupo. E, como professor estagiário, eu era o maior intruso, uma vez que os alunos já se conheciam todos uns aos outros. Mas essa dificuldade rapidamente foi ultrapassada, quer da minha parte, quer da deles.

Preocupava-me em cada aula retomar o assunto da anterior, abordando os alunos através de um conjunto de questões para ter o *feedback* sobre os conteúdos lecionados. Além disso, era sempre minha preocupação questionar os alunos mais tímidos ou com mais dificuldades, pois queria perceber se os meus objetivos tinham sido alcançados: a apreensão dos conteúdos.

O questionamento tinha duas funções. Por um lado, perceber quem não tinha assimilado os conteúdos e, por outro, avaliar os discentes oralmente. Caso houvesse

dificuldades, era uma excelente oportunidade para fazer todos os esclarecimentos de modo a que todos ultrapassassem as suas dificuldades.

De salientar que o questionamento também pode e deve partir do aluno, pois, muitas vezes, o professor só consegue perceber verdadeiramente se os alunos assimilaram os conteúdos lecionados através das questões que são formuladas, permitindo, igualmente o esclarecimento das mesmas dúvidas de outros alunos.

Como diz o ditado «a falar é que a gente se entende»!

## 5.4 Feedback pedagógico

De uma forma involuntária, o próprio aluno observa a sua performance, bem como a forma como executa e realiza as tarefas que lhe são propostas, fazendo a sua própria avaliação relativamente à sua execução, comparando sempre com a restante turma. O que acaba por ser positivo, pois, para haver progresso, é indispensável a nossa avaliação bem como o *feedback* dos outros.

Na verdade, no processo de aprendizagem, o discente analisa autónoma e intrinsecamente a forma e os resultados da execução das suas ações motoras e reúne informação sobre a sua prestação na realização da tarefa exigida contexto da aula. São introspeções pessoais que se assumem como *feedbacks* intrínsecos – como assume Schmidt (1975).

Para que houvesse uma progressão no desempenho e realização das atividades letivas, sempre dei o *feedback* pedagógico aos meus discentes. Nunca é fácil criticar o desempenho dos outros, mas o professor não pode deixar de o fazer, pois ambiciona que os seus discentes cresçam intelectualmente e melhorem, todos os dias, as suas aprendizagens.

Como afirma Quina (2009), o *feedback* pedagógico é compreendido como a reação do docente às prestações do(s) aluno(s) – motoras e/ou cognitivas – com a intenção de questioná-lo(s) sobre a ação e dialogar ou retificar as prestações.

Desde o momento que o PC me disse que o *feedback* pedagógico era crucial para a progressão global do aluno. Estes tinham de perceber como deviam realizar as diferentes tarefas e utilizar as variadas técnicas. deixar persistir o erro ao longo das aulas é sinónimo de ausência de aprendizagem, portanto sempre lhes transmiti muitos *feedbacks*. Por vezes, interrompia as atividades para corrigir os exercícios que estavam a executar.

O facto de ter uma turma muito dinâmica e com bons resultados académicos, obrigava-me a uma atenção redobrada na execução das tarefas, pois o *feedback* pedagógico deve ser efetuado no momento e não *a posteriori* para que todos beneficiem com os resultados pretendidos.

Como reforça Quina (2009), o *feedback* – seja verbal, visual, cinestésico (quando recorre ao auxílio direto ao aluno), e/ou misto– sobretudo o positivo, é potencialmente

eficaz e estende-se para além do ato de informação ou correção em si; pode, por exemplo, criar um bom clima relacional e aumentar a motivação, a cooperação e o rendimento dos alunos. No entanto, a sua eficiência depende das suas qualidades e do sentido de oportunidade de dialogar com o(s) discente(s).

*Acho que hoje consegui melhorar alguns erros que tinha cometido na última aula, foi ter atenção os perigos a volta dos colchões, estar sempre atento a todos os grupos (estar a falar com um e estar a ver se alguém está a fazer uma figura e ver se precisam de ajuda. Ex: estava num grupo a falar sobre uma figura, mas de repente olhei para o outro e disse esperem que já venho e os alunos disseram logo vá lá professor que eles estão a precisar da sua ajuda. Realmente, o professor cooperante sabe muito disto porque na última reunião disse que estava com dificuldades em fazer isso e ele disse que os próprios alunos percebiam e realmente tinha razão).*

(Reflexão da aula 49 – 17/05/2022)

Nas modalidades coletivas, usei um quadro técnico onde desenhava os exercícios e onde lhes dava também o *feedback* de como poderiam fazer e senti que foi uma ferramenta útil, pois através do desenho conseguia que eles percebessem melhor o que era pretendido. Claro que na fase inicial de uma modalidade os *feedbacks* têm que ser dirigidos para a turma em coletivo e à medida que a modalidade vai avançando passa a ser só para grupos mais restritos de alunos. Os alunos mais capazes também puderem dar *feedback* e ajudarem-se.

Na realidade, nas aulas de EF há sempre um grande espírito de entreajuda. Globalmente, a solidariedade está sempre presente, porque os alunos trabalham muito em grupo.

## 5.5 Início e Final de aula

Segundo Bento (2003, p.102-104), “(...) antes de entrar na aula o professor tem já um projeto da forma como ela deve decorrer, uma imagem estruturada, naturalmente, por decisões fundamentais. Tais são, por exemplo, decisões sobre o objetivo geral e objetivos parciais ou intermédios, sobre a escolha e ordenamento da matéria, sobre os pontos fulcrais da aula, sobre as principais tarefas didáticas, sobre a direção principal das ideias e procedimentos metodológicos”.

De facto, qualquer professor deve estruturar previamente as suas aulas. O docente não pode iniciar a sua aula a pensar no que vai fazer ou mandar executar. Tudo tem que estar definido e delineado. Claro que pode sofrer pequenas alterações, visto que há um conjunto de imprevistos, que podem acontecer, sem que o docente possa prever ou controlar. A globalidade da aula tem de estar estruturada para que decorra com a maior normalidade possível e o professor possa verbalizar o sumário. Ou seja, para que o docente faça um resuma do que vai decorrer durante a aula tem de planear antecipadamente. O professor tem, com certeza, apresentar um fio condutor de modo a cativar e conquistar os alunos para o que vai lecionar durante o tempo de aula.

Se o início da aula constitui um bom momento para expor o que vai acontecer, o final da aula não deixa de ser menos importante, pois o professor deve resumir as ideias fulcrais que projetou para a sua aula.

Segundo Siedentop (1991), no término da aula, é imperativo que se revejam os aspetos mais importantes, que se transmitam *feedbacks* coletivos e que se estimule a motivação dos alunos para as aulas subsequentes.

O final da aula é, sem dúvida, um momento essencial, pois serve para reforçar os *feedbacks* que fui dando ao longo da aula e dar soluções válidas para os problemas que foram surgindo. Ao ter estes dois pontos-chave definidos, o professor vai gerir melhor a aula, a matéria e o tempo de aula.

No final da aula, havia ainda uma espécie de grito de guerra para criar o espírito de grupo que defendi desde a primeira aula. Só a união entre todos permite derrubar obstáculos.

## 5.6 Avaliação

### 5.6.1 Avaliação Diagnóstica

Segundo Rosado e Silva (2010), a avaliação diagnóstica deverá dar informações que possibilitam ao docente diagnosticar e projetar matérias de ensino, com vista à evolução de um objeto avaliado (aluno), através de informações que trabalhem no seu processo constitutivo.

A avaliação diagnóstica foi feita, pensada e avaliada em NE na modalidade de voleibol, nas restantes modalidades cada professor estagiário realizou a sua própria avaliação.

Nós iniciámos este ano letivo pela modalidade de voleibol e como estávamos todos ainda à descoberta do nosso rumo nesta nova missão: lecionar. Assim, o trabalho em conjunto foi muito importante, pois para o NE tudo acabava por ser uma novidade. Obviamente que contamos sempre com a ajuda do PC para o esclarecimento de todas as dúvidas. Como estávamos todos a vivenciar experiências novas, essa realidade permitiu que nos ajudássemos mutuamente para ultrapassar os obstáculos que iam surgindo de tal forma que a outra avaliação em outras modalidades já foi feita individualmente pelo professor estagiário.

Confesso que esta tarefa do docente é uma das mais complexas e difíceis, pois as expectativas do aluno, quase sempre, são mais altas do que as do professor-avaliador. Ou seja, os objetivos entre quem avalia e o quem é avaliado são muito distintas. E, como professor, nunca quis defraudar as expectativas dos meus discentes, até porque, de alguma forma, ainda estou também na pele do aluno.

Apesar de todas as dificuldades encontradas, tive sempre o PC a aconselhar-me ou até a ajudar-me nesta tarefa que tanto tem de desafiante como de árduo.

Na modalidade de voleibol, para realizarem a AD, apenas realizaram jogo, no qual observei se sabiam executar o serviço por cima e o serviço por baixo, se realizavam o passe de dedos, a manchete, o remate, o passe de costas e se sabiam movimentar quando faziam ponto. A nível de dificuldades na observação para realizar a AD não houve muitas, pois como foi a primeira modalidade a ser abordada e como o NE tinha que observar as aulas de todos, cada grupo ficou com um grupo de alunos para eles avaliarem, fazendo a respetiva a análise que depois entregaram-me.

Na modalidade de basquetebol, para realizar a AD, pedi que efetuassem o lançamento na passada, o contornar os cones, ou seja, pretendia-se verificar se sabiam

realizar as mudanças de direção. Por fim, foi a situação de jogo 3x3 que observei se realizavam os vários tipos de passe (peito, ombro e picado), os lançamentos (na passada e em apoio), se quando recebiam tinham os pés virados para o cesto e se havia ressalto.

A nível de dificuldades na observação para realizar a AD, confesso que senti algumas, pois como já estava sozinho a observar e tinha a turma dividida em três campos, não conseguia observar o lançamento na passada logo em todos, pelo que demorei algum tempo a passar para a situação de jogo. Na situação de jogo deparei-me com as mesmas dificuldades, pois queria ter tempo para analisar bem o que sabia para que não errasse na avaliação, mesmo sendo diagnóstica, mas acho que consegui fazer uma boa observação.

Na modalidade de badminton, para conseguirem a AD, realizaram a situação de jogo 1x1, onde observei se sabiam realizar o serviço curto e longo, o *amorti*, o *clear*, o *lob*. A nível de dificuldades na observação para realizar a AD não houve muitas, pois apesar de estarem divididos em duas partes no pavilhão ao estar no meio conseguia estar a observar todos ao mesmo tempo e consegui fazer uma boa observação.

Na modalidade de futsal, para realizarem a AD, realizaram situação de jogo 4x4 +GR, onde observei, o tipo de passe, se sabiam as movimentações do futsal e o remate.

A nível de dificuldades na observação para realizar a AD não houve muitas, pois fiz três jogos de seis/sete minutos e consegui fazer uma boa observação.

Na modalidade de ginástica, para realizarem a AD, foi uma aula dada pelo PC, que já estava programada para aquela data. Portanto, deu para ir fazendo algumas observações, mas foi feita mais ao longo da modalidade.

### 5.6.2 Avaliação Formativa

Na visão de Mesquita (2013), a avaliação formativa deve estar presente e de forma constante, com o objetivo de aferir se os alunos conseguiram assimilar os conteúdos programáticos ao longo de todas as sessões e da UD e se estes se encontram de acordo com os objetivos específicos projetados durante o processo de ensino-aprendizagem. Uma vantagem da elaboração deste método de avaliação é a alteração das estratégias programadas para os alunos, caso estes, com o desenrolar das aulas, estejam a corresponder ou não ao planeado.

Confesso que nem sempre procedi à avaliação formativa, mas reconheço que este tipo de avaliação é muito importante, pois é através dela que o professor percebe como foram assimilados os conteúdos. Desta forma, se o professor perceber que nem todos os conteúdos foram devidamente assimilados, pode reformular as estratégias definidas com o objetivo de melhorar as aprendizagens.

A avaliação formativa permite ao docente ser mais assertivo, direcionando as estratégias para a resolução do problema. Além disso, permite ao professor efetuar mais exercícios para colmatar todas as dificuldades.

### 5.6.3 Avaliação Sumativa

Segundo Bento (2003), a avaliação sumativa é um processo contínuo que vem desde o primeiro dia de aula e vai até ao último. O autor identifica esta avaliação como sendo a percepção global acerca da prestação dos alunos ao nível das competências que englobam a cultura desportiva, melhoria das habilidades técnicas e táticas da modalidade e conceitos psicossociais adquiridos e desenvolvidos na modalidade.

Na realidade, a avaliação sumativa, como o próprio nome indica, é a soma de um outro conjunto de outras avaliações que vão sendo desencadeadas pelo professor. Ou seja, o discente não é objeto de uma avaliação, mas, sim, de um conjunto de outras avaliações definidas pelo Ministério da Educação e postas em prática pela escola, o mesmo é dizer por cada grupo disciplinar. Assim, ao longo do período, cada professor vai recolher o maior número possível de dados sobre o aluno, procedendo a diferentes tipos de avaliação para que no final do período possa atribuir uma nota, que se quer justa, indo de encontro aos objetivos do aluno perante o trabalho realizado.

Claro que o desempenho desta tarefa não foi fácil, mas com a ajuda do PC e de todos os envolvidos os obstáculos foram sendo ultrapassados, tentando dar sempre o meu melhor, motivando o aluno para o estudo da disciplina e para a escola, enquanto espaço de aprendizagem que, mais tarde, lhe vai dar asas para voar. Ou seja, é no trabalho desenvolvido na escola que está um futuro mais promissor.

Sinto que tive algumas dificuldades na avaliação de ginástica, mas através de pesquisa e de conversas com as pessoas responsáveis, consegui fazer uma boa avaliação.

Na modalidade de voleibol, para realizar a AS, foram observados todos os aspetos técnicos e táticos, bem como a forma de jogo 4x4.

Na modalidade de basquetebol, para realizar a AS, foram observados todos os aspetos técnicos e táticos, bem como a forma de jogo 3x3.

Na modalidade de voleibol, para realizar a AS, foram observados todos os aspetos técnicos e táticos, através de sequências escolhidas por mim, bem como a forma de jogo 1x1.

Na modalidade de futsal para realizar a AS, foram observados todos os aspetos técnicos e táticos, bem como a forma de jogo 4x4, apliquei, portanto, o MED. Nesta modalidade, foi contabilizado como se organizaram em equipa, a dedicação, a criatividade, pois tiveram que escolher um nome, logotipo, lema, mascote, cor da equipa e trazer

equipamento dessa cor. Como defini datas e as equipas tinham que cumprir, também dei pontuação extra.

Na modalidade de ginástica, para realizar a AS, tive em conta a coreografia final, bem como o tempo da coreografia estabelecido, a criatividade, empenho e esforço que dedicaram à coreografia.

## 5.7 Envolver os alunos na Avaliação - Autoavaliação

Para concluir o processo da avaliação, decidimos em NE, juntamente com o PC, realizarmos Autoavaliação no final de cada semestre. Tomámos esta decisão, pois entendemos que seria benéfico os alunos participarem na sua avaliação, perceberem o que fizeram ao longo do ano e do que foram capazes de fazer nas diferentes modalidades.

A autoavaliação permite ao aluno fazer uma análise justa do seu desempenho. O professor consegue perceber quais são as expectativas do aluno e assim fazer a sua própria análise de forma mais justa.

Rosado e Colaço (2002) remetem para a adoção de uma atitude crítica por parte do aluno acerca do que realizou ao longo do período avaliativo.

A autoavaliação era feita no último dia de cada semestre. Os discentes preenchiam uma folha que continha os critérios de avaliação. Esta folha estava dividida em cinco partes: domínios das atividades físicas: a sua performance nas modalidades, os resultados obtidos no teste *fitness Gram* que era a sua aptidão física e os conhecimentos relacionados com as modalidades abordadas. Nestas folhas estavam os domínios com os seus descritores de desempenho. O segundo domínio de avaliação era o compromisso. Nos outros domínios era a proposta final da nota que atribuíamos, bem como a justificação da mesma e um registo sobre a reflexão que faziam acerca do seu desempenho em cada semestre.

A autoavaliação, por vezes, torna-se difícil para os alunos, pois rapidamente esquecem os diferentes desempenhos que obtiveram em todas as modalidades do semestre. Muitas vezes só atribuem nota à melhor, ignorando um desempenho menos conseguido. Nestas situações lá está o professor para ajudar a aferir todas as situações menos claras.

## 5.8 Aptidão Física

A aptidão física dos alunos é muito importante para os professores de EF, mas através de um questionário, pude concluir que os meus alunos estavam todos aptos para as minhas aulas. No entanto, para haver mais certezas aplicou-se à turma o Teste de *Fitnessgram*, que consiste numa bateria de exercícios físicos, que é composta por: Vaivém, Flexões, Abdominias, Flexibilidade, Velocidade. Através deste conjunto de testes, o professor fica com dados mais pormenorizados sobre cada aluno e em que área deve atuar mais, ao longo do ano letivo.

Os alunos encontravam-se todos na ZSAP (Zona Saudável de Aptidão Física), o que me deixou bem mais tranquilo relativamente ao seu desempenho.

## 6. Participação na Escola e Relação com a Comunidade

## 6.1 Desporto Escolar

A escola secundária de Rio Tinto sempre teve grandes participações e grandes conquistas a nível do desporto escolar, contando já com vários prémios. A única equipa a participar no DE foi a equipa do Voleibol feminino, no escalão de juvenis, que treinava às terças das 14:15 às 15:30 e às quintas das 14:30 às 16:30.

Face à situação pandémica que tivemos no ano passado, os alunos ainda tinham alguns receios de voltar a participar no Desporto Escolar. No entanto, os alunos acabaram por aderir ao DE, por isso tive a oportunidade de acompanhar a equipa de voleibol, tanto nos treinos como nos jogos que foram disputados. Notou-se, ao longo do ano letivo, que adesão aos treinos foi crescendo.

Confesso que a minha ligação ao DE no início não foi fácil, pois este estava entregue a uma outra colega e é sempre difícil partilhar a gestão de um grupo sem ferir suscetibilidades. Além disso, interagir com um grupo de meninas, no meu primeiro ano de lecionação, não foi fácil, mas tudo foi melhorando, pois consegui integrar-me no grupo.

No jogo em que estive presente, a contar para a fase regional, fiz parte da mesa onde preenchi a ficha de jogo e o boletim do mesmo, aprendizagens que irão ficar para mais tarde poder aplicar.

### 6.1.2 Atividades que se desenvolveram no Desporto Escolar

No DE foram desenvolvidas algumas atividades. O encontro distrital em janeiro, realizado em dois dias. Este primeiro jogo realizou-se na Escola Secundária de Gondomar, no dia vinte e de fevereiro; o outro jogo decorreu na nossa escola, no dia cinco de março, tendo a nossa escola jogado contra a Escola Beira Douro.

Realizámos ainda um jogo amigável na Escola Secundária Aurélia de Sousa e jogámos ainda contra duas escolas: a Escola Secundária Aurélia de Sousa e a Escola António Sérgio.

No final do ano, para premiar todo o esforço, no dia seis de junho, deslocámo-nos ao Parque Aquático de Amarante para conviver e disfrutar dos sucessos obtidos.

### 6.1.3 Objetivos no Desporto Escolar

O Desporto Escolar foi sempre uma meta para mim, e por isso, esforcei-me por o integrar, pois acredito que através dele podemos ajudar jovens a aperfeiçoar a sua forma física ou simplesmente praticarem desporto de forma mais intensa.

Na minha escola, o DE apenas começou em meados de novembro com a modalidade de voleibol.

Comecei por ir observando, depois a professora responsável pelo projeto passou a dar-me mais liberdade, deixando-me dar o *feedback* e reforçar as aprendizagens das alunas no seu processo desportivo.

Tinha como objetivo perceber como funcionava o DE e toda a logística para se pôr em prática. Na realidade, consegui os meus objetivos, porque a apoiou-me, integrando-me em todo o processo que ia desde a simples inscrição, aos treinos ou à realização dos respetivos torneios.

Ao longo das atividades do DE, tal como fiz nas aulas, tentei promover a coesão e a união, criando um verdadeiro espírito de grupo. Além disso, tentei sempre valorizar o desporto para o nosso equilíbrio global.

Foi um orgulho, para mim, ver crescer o número de participantes, ao longo do ano letivo, por isso senti que os meus objetivos foram conseguidos.

#### 6.1.4 Divulgação e Inscrições

A divulgação foi feita pela professora responsável do DE. Ela colocou pela escola vários cartazes com as horas em que iriam decorrer os treinos. No próximo ano, estamos a pensar fazer um vídeo de divulgação, apresentando vídeos dos jogos realizados este ano de forma a atrair mais jogadoras para o voleibol.

As inscrições eram feitas também pela professora responsável, que entregava as folhas de inscrição, depois de irem a um treino, sendo depois feito o registo no site do DE.

#### 6.1.5 Recursos Humano e Materiais

Relativamente aos recursos humanos no Desporto de Escolar contava com uma docente e dois professores estagiários que acompanharam a equipa, ao longo do ano letivo. E a nível de recursos materiais, o desporto escolar de voleibol podia treinar nos dois pavilhões que a escola tinha, dependendo das aulas que existiam nos pavilhões. Havia sempre redes disponíveis para utilizar, assim como bolas novas compradas para serem usadas apenas no desporto escolar. O único acessório que notei que faltavam nos dois pavilhões eram as varetas.

#### 6.1.6 Acompanhamento e Avaliação

Foi uma experiência rica, interessante, emocionante para o futuro, enquanto professor de Educação Física. Poder ter acompanhado esta equipa, ao longo do ano letivo, foi muito interessante, pois começámos com poucas alunas, por vezes, apenas com duas jogadoras para treinar, mas o número de alunas foi crescendo, pois cada vez apareceram mais alunas nos treinos e a querer jogar e experimentar a modalidade de voleibol. Foi interessante ver como elas, ao longo do ano, evoluíram e se iam ajudando para melhorar as suas prestações.

Deu, igualmente, para se perceber como se organizam treinos, como se faz um planeamento a nível do desporto escolar, como se preenchem os boletins de jogo do desporto escolar e tantos outros pormenores.

No geral, o balanço que faço é positivo, pois aprendi muito com estas alunas e espero que elas também tenham aprendido comigo. Foram experiência e aprendizagens muito boas para mim que levarei daqui para o futuro certamente ir-me-ão ajudar.

### 6.1.7 Panorama Geral das Atividades Desportivas Escolares

#### PLANO ANUAL DE ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO FÍSICA 2021/2022

este planeamento anual foi nos dado no início do ano letivo, bem como disponibilizado para todos os docentes da escola.

N.º	ATIVIDADE	OBJETIVO (S)	DINAMIZADOR (ES)	DESTINATÁRIOS	DATA
1	Formação de Juizes /árbitros de Badminton	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	José Conde	Alunos do Desporto Escolar	novembro
2	Formação de Juizes /árbitros de Voleibol	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Marta Magalhães	Alunos do Desporto Escolar	novembro
3	Formação de Juizes /árbitros de Ténis de mesa	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Carlos Maia	Alunos do Desporto Escolar	novembro
4	Formação de Juizes /árbitros de Dança	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Guilhermina Costa	Alunos do Desporto Escolar	novembro
5	Formação de Juizes /árbitros de Natação	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Carlos Maia	Alunos inscritos no grupo de natação	novembro
6	Formação de Juizes /árbitros de Tiro com arco	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	José Conde	Alunos inscritos no grupo de tiro com arco	novembro
7	Formação de Juizes /árbitros de Futsal	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Carolina Coelho	Alunos 3º ciclo Projeto Territórios	novembro
8	Formação de Juizes /árbitros de Patinagem	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Mário Brito	Alunos inscritos no grupo de Patinagem	novembro
9	Formação de Juizes /árbitros de Ginástica Acrobática	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Rui Martins	Alunos inscritos no grupo de Acrobática	novembro
10	Dia Europeu do Desporto Escolar	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável; Comemoração deste Dia.	Desporto Escolar	Alunos em Educação Física	24 de setembro
11	Mundial de Futsal	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto escolar Carolina Coelho - Projeto Territórios	Alunos em Educação Física	27 de setembro
12	<b>Caminhada do S. Martinho Valongo</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Grupo de Educação Física - Olga Mendonça e Carlos Maia	Comunidade educativa Pessoal Docente e não Docente	13 de novembro
13	<b>Caminhada do Carnaval Moinhos de Jancido</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Grupo de Educação Física - Carlos Maia	Comunidade educativa Pessoal Docente e não Docente	19 de fevereiro
14	<b>Dia Fitness</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Grupo de Educação Física Olga Mendonça e Natália Fonseca	Alunos em Educação Física na ESRT	2º semestre A calendarizar

15	<b>Dia da Dança</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Grupo de Educação Física Olga Mendonça	Alunos em Educação Física na ESRT	1º semestre A calendarizar
16	<b>Corta-mato Escolar do Agrupamento</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto Escolar	Todos os alunos do Agrupamento	24 de novembro
17	<b>Torneio de Futsal</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto escolar Carolina Coelho - Projeto Territórios	3º ciclo da ESRT	25 de janeiro
18	<b>Torneio de Basquetebol 3x3</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto Escolar	Todos os alunos da ESRT	Fevereiro a calendarizar
19	<b>Torneio de Basquetebol 3x3</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto Escolar	Todos os alunos da EBFMSI	Fevereiro a calendarizar
20	<b>Torneio Interturmas de Futsal- 5ºano</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto Escolar	5º Ano EBFMSI	Outubro a dezembro
21	<b>Torneio Interturmas de Futsal- 6ºano</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto Escolar	6º Ano EBFMSI	janeiro a fevereiro
22	<b>Torneio Interturmas de Voleibol- 9ºano</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto Escolar	9º Ano EBFMSI	fevereiro a março
22	<b>Caminhada do Carnaval Moinhos de Jancido</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Grupo de Educação Física - Carlos Maia	Comunidade educativa Pessoal Docente e não Docente	19 de fevereiro
23	<b>Torneio Interturmas de Basquetebol- 7ºano</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto Escolar	7º Ano EBFMSI	Abril a maio
24	<b>Torneio Interturmas de Andebol- 8ºano</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto Escolar	8º Ano EBFMSI	maio a junho
25	<b>Torneio de Voleibol</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Núcleo de estágio	10º, 11º, 12º anos	2º semestre a calendarizar
26	<b>Peddy Paper</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Núcleo de estágio	3º ciclo ESRT	maio
27	<b>Torneio de Futsal Feminino</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto Escolar	7º, 8º, 9º anos 10º, 11º, 12º anos	Ao longo do 2º semestre
28	<b>Torneio de Badminton</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto Escolar	Todos os alunos da ESRT	2º semestre a calendarizar
29	<b>Dia do Apuramento para o Mega Sprinter</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto Escolar Natália Fonseca e Olga Mendonça	Todos os alunos da ESRT	março a calendarizar
30	<b>Torneio de Futsal Interescolar do 1º ciclo</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto escolar Carolina Coelho - Projeto Territórios	Alunos do 4º ano do Agrupamento	2º semestre a calendarizar
31	<b>Torneio de Encerramento do Grupo de Badminton</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto Escolar - José Conde	Todos os alunos da EBFMSI	2º semestre a calendarizar

32	<b>Meeting de Atletismo</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto Escolar	Todos os alunos da ESRT	2º semestre a calendarizar
33	<b>Ida aos Passadiços do Paiva</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Grupo de Educação Física - Carlos Maia	Comunidade educativa Pessoal Docente e não Docente	28 de maio
34	<b>Ida ao parque aquático de Amarante</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto Escolar	Alunos inscritos no desporto escolar	1 de junho
35	<b>Sarau da Dança</b>	Tornar a escola num local de socialização que promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto Escolar – Guilhermina Costa	Alunos do Grupo de Dança	6 de junho
36	<b>Jogos Escolares Concelhios de Futsal Femininos</b>	Projeto Territórios promove uma cidadania ativa e estilos de vida saudável;	Desporto Escolar – Carolina Coelho	Alunos do Conselho a Projetos Territórios	Calendarizar ao longo do ano
37	<b>“Futsal com...” (ciclo de entrevistas)</b>	Tornar uma escola um lugar de socialização que promova a cidadania ativa e estilo de vida saudáveis.	Desporto Escolar – Carolina Coelho	Alunos do Agrupamento	Calendarizar ao longo do ano
38	<b>Workshop de Futsal.</b>	Tornar uma escola um lugar de socialização que promova a cidadania ativa e estilo de vida saudáveis.	Desporto Escolar- Carolina Coelho	Alunos do Agrupamento	Calendarizar ao longo do ano

## 6.2 Torneio de Badminton

### 6.2.1 Organização do Torneio de Badminton

Todos os anos os NE na ESRT3 são responsáveis por organizar um torneio na escola para a comunidade escolar para que se ganhem bases para no futuro podermos sozinhos organizar um torneio. Então o nosso NE ficou responsável por organizar um Torneio de Badminton no último dia de aulas antes das férias de Natal. O PC avisou-nos desde muito cedo que devíamos o quanto antes começar a pensar e a idealizar como iria decorrer o torneio, pois iríamos ficar encarregues de realizar o cartaz do torneio, o regulamento do torneio, as fichas de inscrição, de quantos jogos poderiam decorrer em simultâneo, quantos jogos iria fazer cada aluno, em suma iríamos tratar de tudo o que era preciso para realizar um torneio.

No dia do torneio o PC dividiu o DEF pelos dois pavilhões como os professores estagiários ficando no pavilhão novo, no pavilhão novo ficaram todos os escalões do feminino e os iniciados masculinos e no pavilhão velho os restantes escalões masculinos, sendo que as finais de todos os escalões foram realizadas no pavilhão velho. Eu, neste torneio fiquei no pavilhão novo responsável por verificar quando se iniciavam os jogos, se estavam alunos todos, se havia árbitros nos campos, e anotar o resultado com a ajuda dos professores e da minha colega de estágio.

### 6.2.5 Realização e Balanço do Torneio de Badminton

Nem sei por onde começar para falar sobre a organização deste torneio. O que poderia ser fácil de fazer, ter tempo para qualquer imprevisto e para poder reforçar a confiança dentro do próprio NE correu tudo ao contrário. Fomos desde muito cedo avisados pelo PC que o tempo falta no final, parecia que já era de esperar o que ia acontecer. Desde muito cedo tentei puxar pelo NE para ir adiantando as coisas, nem que fosse um bocadinho todos os dias. Claro que ao ir fazendo e adiantando as coisas permiti-me ir aprendendo.

Nas duas noites anteriores fiz videochamada com uma das colegas para ver se estava tudo em condições e ver se não falhava nada, verificamos tudo e tudo parecia estar certo e até ao dia de hoje não sei como é que apareceram nomes diferentes naquele Excel, a única explicação que encontramos foi o Excel automaticamente assumiu outros nomes, pois havia nomes de alunos que nem eram da escola que eram do secundário outros eram repetidas no básico. Quando recebemos o mail do PC a dizer que tínhamos cometido aquele erro nem queríamos acreditar, liguei à colega a perguntar como era possível aquilo ter acontecido pois tínhamos verificado tudo.

Isto tudo decorreu na noite anterior ao torneio e o PC nessa noite deu a volta ao assunto e conseguiu compor tudo para que no dia seguinte tivesse tudo bem e o torneio corresse da melhor forma. No dia do torneio quando chegamos ao pavilhão sentimos no olhar do professor cansado e desgastado pois tinha estado a noite toda a refazer o torneio e sentia-se também o olhar desiludido connosco ele está responsável por nós e tudo o que fazemos vão lhe perguntar e pedir justificações. Depois, eu e a outra colega fomos para o pavilhão novo (G4) onde iríamos ficar com a professora responsável quando o PC não pode estar presente, a professora do desporto escolar do voleibol e a outra professora.

Desde que chegamos ao pavilhão sentimos logo um à vontade pôr parte das professoras, nem parecíamos estagiários. Começamos por montar os campos, fomos colocando as fitas para marcar os campos e os cones todos na mesma cor em cada campo. De seguida vimos como iríamos fazer em relação aos campos onde iria jogar cada escalão, preparamos os boletins de jogo (com o nome dos jogadores), tivemos tempo também para por os boletins de jogo por horas, tudo o que era a nível de secretaria já estava tudo pronto antes da hora. Acho que as professoras logo de início nos terem deixado à vontade ajudou a que tudo corresse bem e nos fossemos ajudar dando dicas de como poderíamos fazer.

Apesar de já termos tudo pronto o torneio começou com atrasos, pois os alunos chegaram atrasados e iam chegando aos poucos. Tivemos alunos a quererem participar, que pudemos inscrever pois como em todos os torneios, houve alunos que não apareceram o que complicou um pouco as contas, mas arranhamos solução rapidamente. Cada professor estava com uma função, cada campo estava a ser vigiado por um professor a ajudar os árbitros e tudo correu bem. Os jogos estavam a ser controlados pelo tempo e ao mesmo tempo por pontos. Decidimos desde início para que não houvesse perdas de tempo de transição de jogos, enquanto estavam a jogar uma professora ia fazendo a chamada dos alunos que iam jogar a seguir e informávamos sobre o campo onde iam jogar. Quando chegamos ao fim o sentimento foi muito bom pois tudo tinha corrido bem, conseguimos gerir algumas peripécias que foram acontecendo, mas conseguimos sempre resolver a situação, todos queríamos que corresse bem e assim foi. Em suma, foi uma boa experiência pois fiquei preparado para realizar um torneio sozinho, serviu para aprender que não se deve deixar as coisas para último momento. Apesar do torneio ter corrido bem e conseguirmos gerir tudo senti-me em baixo pois falhamos no nosso papel mas há que levantar a cabeça pois é com os erros que aprendemos.

### 6.3 Conselhos de Turma

Ao longo deste ano letivo, na minha turma apenas tivemos reuniões ordinárias como era uma turma com um bom comportamento não tivemos muitos problemas ao longo do ano letivo. Realizámos apenas cinco reuniões, uma inicial. antes do ano letivo. na qual não estive presente, porque ainda estava a trabalhar como Nadador-Salvador e não pude participar, mas depois em reunião o PC pôs-me a par do que foi abordado e combinado na reunião.

Na segunda reunião intercalar do primeiro semestre já estive presente. Participaram também os representantes dos alunos e dos pais, bem como todos os docentes da turma, onde expressaram o que achavam, no geral, da turma, bem como dos seus pontos fortes e os pontos a melhorar. Nesta reunião, expressei também a minha opinião em relação à turma e os pontos a melhorar e os representantes dos alunos tomaram nota, não só da minha opinião como dos restantes professores para comunicarem, mais tarde, à turma.

Como foi a minha primeira reunião, confesso que estava um bocadinho nervoso, mas percebi rapidamente como funciona uma reunião de Conselho de Turma, pois o PC era Diretor da turma onde eu lecionava e fez questão de me pôr a par de toda a logística que estes momentos envolvem.

A terceira reunião realizou-se via *zoom* e decorreu no final do primeiro semestre, onde foram verificadas as notas, que previamente tinham sido lançadas pelos professores das diferentes disciplinas. Além disso, foram delineadas estratégias para o segundo semestre, sempre com o objetivo de melhorar o aproveitamento e comportamento da turma.

A quarta reunião foi a reunião intercalar do segundo semestre já foi presencial. Nesta reunião fez-se, mais uma vez, um balanço geral da turma, tendo sido decidido quais os professores que ficavam com cada DAC (desenvolvimento de atividades curriculares). A Educação Física associou-se à disciplina de inglês e o nosso tema foi a igualdade de género dentro de uma desigualdade que parece não querer progredir.

Os professores reuniram pela última vez, pois tínhamos chegado ao final do ano letivo. Foram lançadas, mais uma vez, as notas de todos os discentes, tendo todos passado de ano, facto que deixou o Conselho de Turma feliz, pois cada professor luta diariamente para o sucesso dos seus alunos. Ainda ficaram em ata algumas diretrizes pertinentes a ter em conta para o próximo ano letivo.

Esta experiência, totalmente nova, para mim, revelou-se complexa e ao mesmo tempo fácil, dada a ajuda incondicional do PC, que esteve sempre do meu lado para me orientar e aconselhar em todas as dificuldades.

Foi, de facto, um ano de muitas e variadas experiências que contribuíram para aumentar as minhas aprendizagens, que me hão de servir para o meu futuro, enquanto docente.

## 6.4 Corta-Mato Escolar

### 6.4.1 Organização

A organização do Corta-Mato recaiu sobre o DEF não só da nossa escola como também do DEF da escola de Baguim do Monte, pois foi uma atividade que englobou as duas escolas. Começou a preparar-se esta atividade com algumas semanas de antecedência para que tudo corresse bem no dia da prova. Houve várias reuniões com os dois DEF para que toda a gente estivesse a par da dinâmica do evento. A definição do percurso foi feita no dia anterior pelo DEF, tendo sido colocadas as fitas e as grades ao longo do percurso para que no dia do evento apenas se dessem os últimos retoques do que poderia faltar.

No dia do evento, foi feito um *briefing* geral com todos os professores dos dois DEF para todos saberem as suas posições e o que teriam que fazer ao longo do percurso.

Este evento contou com mais de setecentos alunos inscritos. Este evento também contou com a ajuda de Assistentes Operacionais, a Polícia Municipal e os Bombeiros, tendo decorrido no dia vinte e dois de novembro.

A minha tarefa, neste evento desportivo, foi, por um lado, preparar os diferentes escalões para o aquecimento antes da corrida se realizar e, por outro, também “controlar” o público para criar uma distância de segurança.

#### 6.4.2 Balanço da Atividade

Relativamente a esta atividade, acho que no geral correu bem. Começou com um *briefing* onde estavam todos os professores, pois era necessário recapitular todas as regras relativas ao evento desportivo.

A mim coube-me o aquecimento dos alunos, que apesar de estar a lidar com discentes que não estavam debaixo da minha alçada, enquanto professor, tudo decorreu com a possível normalidade. Afinal, um bom timoneiro conduz a sua barca a bom porto, apesar das adversidades que vai encontrando no caminho! Haja serenidade e paciência para com todos e tudo se faz. Além disso, percebi que a ansiedade também era deles, pois estavam ali reunidos jovens de duas escolas e fazer o aquecimento com tantas, exigiu da minha parte algum esforço e concentração. Talvez, se eu estivesse num patamar superior ao dos alunos, tudo fosse um nadinha mais fácil.

Tive também outra função que foi ajudar a fazer o aquecimento dos alunos da minha colega, enquanto estes não eram chamados para a prova e mantê-los sentados na bancada, garantindo a sua segurança e o sucesso da prova.

Em suma, acho que a atividade correu bem, claro que houve alguns atrasos, mas conseguimos recuperar o tempo e, na minha opinião, tanto os professores como os alunos gostaram e divertiram-se. Foi um bom dia para a prática do desporto até porque fomos brindados com um dia de muito sol, como se pretende nestes eventos desportivos.

## 6.5 Dia da Dança

### 6.5.1 Organização

A organização do Dia da Dança foi feita pela professora Olga que realizou este evento para assinalar o Dia Internacional da Dança. O evento decorreu no pavilhão novo (G4) da ESRT3, tendo-se realizado no dia vinte e sete de abril, numa quarta-feira. Para que tudo decorresse com a maior normalidade, foi pedido ao DEF para estar na escola antes das 8:00 para poderemos ajudar na montagem do palco, onde iriam estar as instrutoras de dança.

O evento iniciou-se pelas 8:15. Foi convidada, para este evento, uma escola de dança de Rio Tinto, com duas instrutoras que iriam ensinar os passos das várias coreografias que tinham sido planeadas para este dia. Houve uma grande adesão por parte dos alunos da nossa escola, pois o pavilhão encheu-se com a participação de alunos. No final, houve uma demonstração da equipa da escola de dança que acompanhou as instrutoras.

### 6.5.2 Balanço da Atividade

Esta atividade decorreu com toda a normalidade, pois o facto de ter sido planeada com tempo, permitiu que tudo corresse bem. Por outro lado, para além do cariz didático que está associado a todas as atividades que se desenvolvem dentro de uma escola, esteve presente a função lúdica. Assim, todos se divertiram, mostrando o que de melhor se faz na nossa escola e até na cidade.

Foi uma excelente forma de começar o dia, quer para alunos, quer para professores, pois estes momentos intensificam os laços entre alunos e entre discente e professores, sendo também, para mim, um grande momento de aprendizagem.

Na realidade, todas as atividades em que estive envolvido direta ou indiretamente constituíram momentos de aprendizagens portentosas e incomensuráveis

## 6.7 Torneio de Futsal

### 6.7.1 Organização do Torneio de Futsal

A organização do Torneio de Futsal foi feita pela professora Carolina que realizou este evento a pedido de vários alunos, mas apenas foi feita para os discentes do ensino básico.

Este evento decorreu ao longo de três dias (vinte e três e trinta março e seis de abril), sempre às quartas-feiras, começando por volta das 14:00 e acabando por volta as 16:30.

O torneio era constituído por seis equipas, que estavam divididas em dois grupos jogando uns contra outros. Cada jogo tinha quinze minutos de duração. Destes dois grupos passavam as duas melhores equipas. Os jogos da fase de grupos decorreram nos dias vinte e três e trinta de março, ficando para o último dia, seis de abril, as meias-finais e a final.

Os árbitros, nos dias da fase grupos, eram auxiliados por elementos da associação de estudantes quer na mesa onde estava o marcador, cronómetro, quer no preenchimento do boletim de jogo, onde também estavam alunas da professora Carolina.

No primeiro dia, assumi o papel de organizador do torneio, pois a professora teve uma reunião e pediu-me para a substituir, controlava o tempo de jogo, ia chamando as equipas, que iam jogar a seguir ao jogo que estava a decorrer para que fosse mais fácil a transição de um jogo para o outro. No segundo dia, já foi a professora que tomou conta do torneio. Limitei-me, apenas, a sugerir-lhe que no último dia colocasse música e que conseguisse trazer algum jogador conhecido, para motivar os alunos.

No último dia, foi-me pedido para estar na escola por volta das 8:00, porque o torneio iria começar por volta das 8:30, para ajudar a preparar tudo para que quando chegasse a hora déssemos início às meias-finais.

E, na realidade, este momento foi mágico, visto que, para além da música, esteve presente o grande atleta Ricardinho, contribuindo para uma maior afluência do público.

Foi, de facto, um momento alto na vida da minha escola!

### 6.7.2 Balanço da Atividade

Relativamente a esta atividade, acho que, no geral, correu bem, começou com uma breve conversa antes do dia do torneio entre mim e a professora responsável por organizar este torneio, para que estivesse mais cedo na escola para prepararmos tudo antes da hora de começar o torneio. Nos dias em que havia torneio fazíamos sempre uma pequena reunião, no dia anterior, para delinear os últimos aspetos que envolviam toda a dinâmica do torneio.

O meu papel, neste evento, foi mudando. Assim, no primeiro dia fui a pessoa responsável pelo torneio, pois a professora teve uma reunião e eu tive que assumir a liderança do torneio. Num segundo dia, fui ajudante e responsável de cronometrista e num terceiro dia foi um misto de organizador, pois a professora responsável estava com o atleta Ricardinho e responsável por ajudar os alunos que estavam a fazer mesa (ajudava a preencher o boletim, os marcadores, as faltas) no torneio.

Na minha opinião, acho que consegui fazer um bom trabalho, pois apesar da professora estar ausente, o torneio não parou, fiz de tudo para que corresse bem. De facto, dei o meu melhor em todas as atividades em que o meu trabalho foi solicitado.

Claro que houve alguns atrasos no início dos jogos, mas conseguimos recuperar o tempo e, na minha opinião, tanto os professores como os alunos gostaram e divertiram-se. De referir que, ao longo do torneio, o pavilhão esteve sempre cheio, pois os alunos das turmas que estavam a participar vinham apoiá-los, mas, sem dúvida, que no último dia, com a presença do atleta Ricardinho, o pavilhão encheu. Foi um bom dia para a prática do desporto até porque esteve muito sol e calor e bom para os alunos verem um ídolo tão perto e terem a oportunidade de tirar uma fotografia com ele.

## 6.8 Torneio de Basquetebol Compal Air (3x3)

### 6.8.1 Organização

Este torneio foi organizado pelo DEF da ESRT3 e tinha como objetivo ver quais as equipas que iriam representar a escola na fase regional do Compal Air (3x3).

Este evento decorreu no dia sete de maio, os dois pavilhões (novo e velho) estiveram em simultâneo com jogos, sendo que no pavilhão novo estavam os escalões femininos (todos) e os iniciados masculinos. No pavilhão velho, estavam os restantes escalões masculinos. Tanto os professores do DEF como os professores estagiários dividiram-se pelos dois pavilhões para que se fosse mais fácil a organização.

Foi pedido para que os professores e os professores estagiários estivessem antes das 8:00 para ajudar na montagem dos campos, verificar se estavam as equipas, enfim, verificar o que cada um iria fazer. Eu fiquei no pavilhão novo, responsável por ajudar os árbitros e quem estava na mesa a preencher os boletins de jogo do campo 1 e 2.

### 6.8.2 Balanço da Atividade

Relativamente a esta atividade, acho que no se geral correu bem, pois foi planeada com tempo, e todos os envolvidos estiveram atentos a todos os pormenores que envolvem este tipo de acontecimentos.

O torneio teve bastante adesão por parte dos alunos, estando os dois pavilhões cheios para este evento.

Na minha opinião, toda gente se divertiu tanto os alunos como os professores. Foi, sem dúvida, uma boa forma de começar a manhã. O meu papel neste evento foi apenas de controlar e ajudar os árbitros e os alunos responsáveis pela pontuação da equipa.

## 7. Desenvolvimento Profissional de Experiências Profissionais

## 7.1 “Que ensinamentos levam os alunos para o estágio do MEEFEBS”

### 7.1.1 Resumo

O presente estudo de investigação, teve como principal objetivo perceber se os estudantes estagiários do MEEFEBS da FADEUP depois do primeiro ano de MEEFEBS (1) se sentiam à vontade para colocar em prática todos os modelos de ensino, (2) qual o modelo que se sentiram melhor a aplicar e (3) perceber qual foi o modelo que resultou melhor. Este estudo teve como grupo de estudo 20 estudantes estagiários da FADEUP, sendo que 7 (65%) eram do sexo feminino e 13 (35%) do sexo masculino, todos a frequentar o segundo ano do MEEFEBS. A média de idades correspondeu aos 25 anos. A recolha dos dados foi efetuada apenas em um momento, após o término das aulas, através da aplicação de um questionário realizado via Google Forms. Através do mesmo, foi possível verificar que os estudantes estagiários se sentiam à vontade para colocar em prática todos os modelos de ensino aprendidos durante o 1º ano do curso, sendo que o modelo mais aplicado pelos estudantes estagiários foi o MED, o modelo que mais gostaram de aplicar foi o MED e por fim percebemos que o modelo que resultou melhor nas suas turmas foi o MAC.

**PALAVRAS-CHAVE:** MODELOS DE ENSINO, ALUNOS-ESTAGIÁRIOS, EDUCAÇÃO FÍSICA.

## Abstrat

The main objective of this research study was to understand if the student trainees of the MEEFEBS of FADEUP after their first year of MEEFEBS (1) felt comfortable to put into practice all the teaching models, (2) which model they felt better applying and (3) understand which model worked better. This study consisted of a group of 20 trainee students from FADEUP, 7 (65%) were female and 13 (35%) were male, all attending the second year of the MEEFEBS. The average age was 25 years. Data collection was carried out only in one moment, after the end of the classes, through the application of a questionnaire via Google Forms. Through the same, it was possible to verify that the student trainees felt at ease to put into practice all the teaching models learned during the 1st year of the course, being that the model most applied by the student trainees was the MED, the model they liked to apply the most was the MED and finally we noticed that the model that worked best in their classes was the MAC.

**KEYWORDS:** TEACHING MODELS; PRESERVICE; PHISICAL EDUCATION.

## 7.2 Introdução

A unidade curricular do Estágio Profissional está dividida em três áreas de desempenho em acordo com as normas orientadoras da unidade curricular estágio (2021/2022):

Área 1- Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem, que envolve a conceção, o planeamento, a realização e a avaliação do ensino.

A Área 2- Participação na escola e relações com a Comunidade, essa procura relacionar as atividades não letivas à realidade do estudante estagiário, sua integração e ligação entre a escola e o meio;

Área 3 - Desenvolvimento Profissional, área que engloba as vivências importantes na construção da competência profissional, para desenvolver o sentido de pertença e a identidade profissional, nomeadamente a Educação Física.

O estudo situa-se na Área 3, reflete-se em ações de investigação/ação, crítica e criativa e pretende, ter como contributo o desenvolvimento profissional transformando as experiências de aprendizagem em benefício dos alunos.

Deste modo, no âmbito da realização do Estágio Profissional, de forma a ajudar a melhorar a nossa identidade profissional, surgiu-nos a oportunidade de elaborar um estudo colaborativo e aprofundado para verificar se os estudantes estagiários estavam aptos para colocar em prática todos os modelos de ensino aprendidos no 1º ano do curso de mestrado, qual o modelo que se sentiram melhor a aplicar e perceber qual foi o que resultou melhor nas suas turmas.

Face ao exposto, surgiu-me a curiosidade de perceber como os meus colegas se estavam a sentir e como teriam agido com as suas turmas, tendo decidido investigar para também poder aprender como eles e ganhar mais conhecimento para depois poder aplicar no futuro enquanto futuro professor de EF.

Existem vários tipos de modelos de ensino, que podemos utilizar, sendo que os estudantes estagiários utilizaram no seu estágio, fundamentalmente sete modelos: MID, MED, MAC, TFGU, MAPJ, Descoberta Guiada, Assment for Learning.

O MID (Modelo de Instrução Direta) Abordagem orientada para as habilidades técnicas, estando as práticas de ensino entregues às linhas guia do Professor (Carnine et al., 2004).

O Docente é quem orienta o procedimento e organização da aprendizagem onde, provê instruções e explicações detalhadas, fornece feedbacks e correções especialmente nas fases iniciais da aprendizagem (Metzler, 2000).

O MAC (Modelo de Aprendizagem Cooperativa) Todos os membros pretendem atingir o mesmo objetivo. O trabalho em equipa é essencial e a equipa só é bem-sucedida se todos os seus intervenientes colaborarem e se unirem para atingir esse fim. O modelo constitui-se através de seis pontos: constituição de grupos, interação constante dos grupos, interdependência entre os membros do grupo, encargo individual, desenvolvimento de habilidades sociais e o Professor funciona como um elo facilitador. Com o recurso a este modelo pretende-se, principalmente, desenvolver a afetividade e o esforço cognitivo, e, só depois, trabalhar aspetos psicomotores (Metzler, 2000).

O TGFU (Teaching Games for Understanding) Mudar a atenção de um ensino isolado das habilidades básicas do jogo (i.e., ensino da técnica), para o desenvolvimento da capacidade de jogo através da sua compreensão tática. Aumentar o gosto pelo jogo, bem como a participação no jogo, o que pode conduzir a um estilo de vida ativo. Colocar aos alunos questões na ordem de ‘o que fazer’, ‘quando fazer’, ‘porque fazer’ e não apenas do ‘como fazer’;

O MED (Modelo de Educação Desportiva) Adota estratégias de ensino implícitas, interativas e menos formais. O aluno assume, de forma gradual, controlo, responsabilidade e autonomia na organização e gestão das tarefas da aula Modelo de ensino centrado no aluno. (Dyson, Griffin e Hastie, 2004)

O MAPJ (Modelo de Aprendizagem Progressiva ao Jogo) Desenvolve competências para jogar voleibol. O ensino da tática é privilegiado relativamente ao ensino de habilidades técnicas descontextualizadas – técnica situacional. Os problemas táticos potenciam a capacidade de compreender e atuar no jogo e constituem o principal motivo de aprendizagem das habilidades técnicas, conferindo-lhes validade ecológica.

Para além deste aspeto, pretendia-se que este estudo pudesse auxiliar os professores estagiários como também a FADEUP em relação ao desenvolvimento que é realizado ao longo do primeiro ano nas unidades curriculares teóricas como também do feedback por parte dos alunos estagiários, o que retém, e a forma como colocaram em prática o que foi aprendido.

## 7.3 Objetivos

### 7.3.1 Objetivo Geral

Analisar se os professores estagiários da FADEUP percebem estar bem preparados relativamente à utilização dos modelos de ensino e colocam em prática os vários modelos de ensino que aprenderam no 1º ano.

### 7.4.1 Objetivo Específico

Analisar se os professores estagiários da FADEUP estão bem preparados e colocam em prática os vários modelos de ensino aprendidos, qual gostam mais de aplicar e perceber qual foi o que resultou melhor nas suas turmas.

## 7.4 Metodologia

### 7.4.1 Caracterização da Amostra

Os alunos que foram escolhidos para este estudo, foram 20 alunos da minha turma do MEEFEBS por ter o contacto deles e dar-me com eles senti que fosse mais fácil para conseguir respostas para o questionário, pois de além de alguém que conhecia e com quem ao longo do ano fomos trocando experiências e vivências decidi optar por eles, dos quais treze eram do sexo masculino (65%) e sete do sexo feminino (35%), com idades compreendidas entre os vinte e os trinta e cinco anos.

### 7.4.2 Metodologia do Estudo

Para Yin (2005) citado em Meirinhos e Osório (2010) a necessidade de realizar Estudos de Caso surge da carência em estudar acontecimentos sociais complexos.

Assim sendo, para este autor, os Estudos de Caso devem ser usados quando se trabalha com condições relativas a um contexto, acreditando que essas condições podem ser relevantes na investigação.

Pretendi, essencialmente, analisar e refletir sobre como se sentiram os professores estagiários para aplicar os vários modelos, que metodologias usaram, qual correu melhor e que modelo gostaram mais de aplicar.

Optei pelo inquérito através de questionário online, porque é mais prático e fácil de responder. Também permitiu que alguns alunos já estando de férias ou a trabalhar tivessem liberdade nos horários para poder responder. Assim, foi realizado o teste a 25 alunos da turma C do 2º ano de MEEFEBES. Dos 25 alunos inquiridos apenas 20 responderam ao inquérito.

Dada a natureza singular do nosso estudo, escolhi a análise de conteúdo como técnica de tratamento da informação, foi ao encontro dos objetivos a que me propus, de maneira que fosse possível obter uma maior quantidade de informação pertinente para esta temática.

De acordo com Bardin (1977, p. 103), “tratar o material é codificá-lo. A codificação corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão.”.

Portanto, neste estudo a análise de conteúdo teve como objetivo estudar e interpretar todo as respostas do questionário de forma a entender os casos a que me propusemos a investigar.

## 7.5 Resultados

Foi enviado aos alunos estagiários, via WhatsApp, um questionário via Google Forms, que continha nove questões que ajudaram a atingir os objetivos propostos.

A primeira questão deste estudo tratava-se de uma questão aberta, na qual foi colocada uma questão os estudantes estagiários sobre quais os modelos que usaram ao longo do ano letivo.

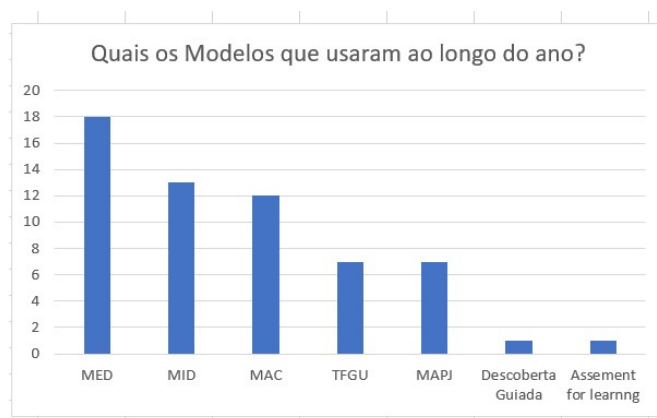
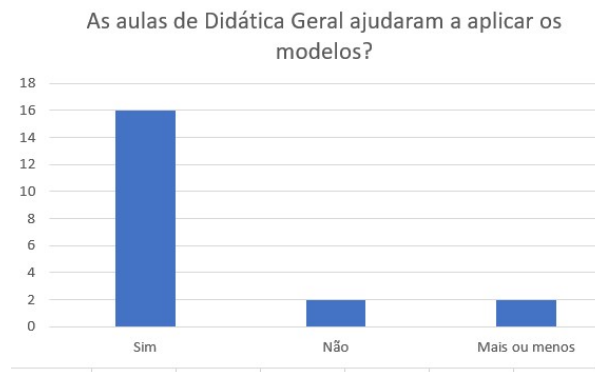


Gráfico 2 – Quais os modelos que usaram ao longo do ano?

Ao olharmos para as respostas da primeira questão, facilmente conseguimos perceber qual foi o modelo mais utilizado pelos professores estagiários, o MED (com 18 estudantes a aplicaram). Ainda assim podemos perceber que os participantes usaram muitos modelos (sete) ao longo do ano letivo.

A seguinte questão que foi colocada aos alunos estagiários pretendia saber se as aulas de didática geral contribuíram para que os alunos aplicassem os modelos em prática neste ano de estágio e ao longo do ao letivo.



*Gráfico 3 – As aulas de Didática Geral ajudaram a aplicar os modelos?*

Olhando para as respostas dadas pelos estudantes estagiários percebemos que as aulas de didática ajudaram dezasseis dos alunos ao longo deste ano letivo a aplicar os vários modelos, sendo dois alunos responderam ‘mais ou menos’, justificando um deles que não teve oportunidade de aplicar devido à Covid mas que a didática geral despertou-lhe bastante interesse sobre isso.

Em relação aos estudantes que responderam que não, justificaram as respostas, uma delas por não ter hipótese de aplicar devido ao covid e o outro estudante justificou dizendo que percebeu os modelos enquanto à sua organização, mas não na aplicação (não sabia como os podia aplicar).

Relativamente à terceira questão, os estudantes estagiários foram questionados sobre quem tinha tomado a iniciativa de aplicar modelos ao longo do ano letivo.

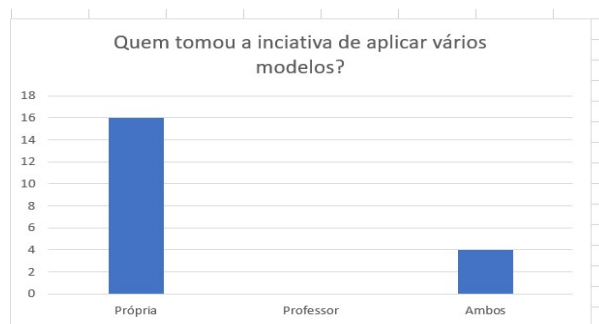


Gráfico 4 – Quem tomou a iniciativa de aplicar vários modelos?

Ao olharmos para as respostas dos estudantes podemos observar que a iniciativa para aplicar vários modelos partiu dos alunos estagiários, com dezasseis dos vinte estudantes a dizer que a iniciativa foi deles, e dois estudantes disseram que foi de ambos (aluno estagiário e do PC).

A quarta questão era sobre qual sobre os modelos aplicados ao longo do ano letivo, qual o que foi o mais vantajoso para os alunos, onde eles tiveram mais sucesso escolar.

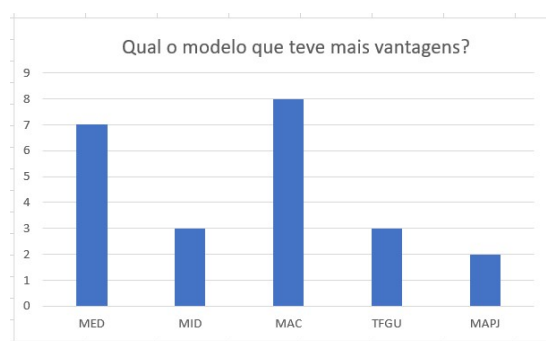


Gráfico 5 – Qual o modelo que teve mais vantagens?

Ao olharmos para o gráfico n.º 5 podemos observar que o modelo que foi mais vantajoso para os alunos foi o MAC, seguindo o MED.

A seguinte pergunta do questionário era continuação da anterior pois foi perguntado o porquê de os alunos estagiários entenderem que estes dois modelos (MAC e MED) teriam sido mais vantajosos para os alunos, ao que eles justificaram que os alunos iam mais

motivados para as aulas, estavam mais envolvidos nas tarefas e nas aulas, conseguiram que a turma fosse uma só e conseguiram criar laços de amizade entre eles, ajudavam-se mais, começaram a respeitar os colegas, e estavam motivados para aprender e aprenderam a trabalhar em equipa.

A sexta pergunta era lhes questionado qual o modelo que resultou menos bem.

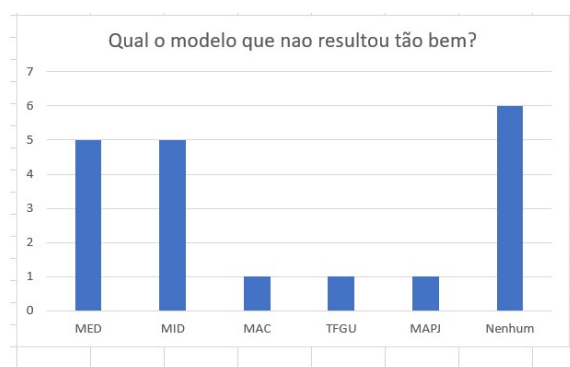


Gráfico 6 – Qual o modelo que não resultou tão bem?

Ao olharmos para as respostas do alunos estagiários sobre qual o modelo que resultou menos bem, verificamos que cerca de seis alunos disseram nenhum, ou seja, os modelos que esses seis alunos utilizaram todos correram bem, a seguir vemos que cerca de cinco alunos estagiários dizem que o MED e o MID não resultaram tão bem.

A pergunta que se seguia no questionário dava continuidade a esta pergunta, onde questionei o porquê de eles não entenderem que o MED e o MID não correram tão bem. Através das respostas, percebeu-se que os alunos não tinham autonomia suficiente, os alunos não cumpriam com os pressupostos, o facto de aplicarem logo no início do ano não ajudou, os alunos não estavam habituados a outros tipos de modelos só ao MID e tiveram menos empenho.

A oitava pergunta era qual tinha sido o modelo que os estudantes tinham gostado mais que tivesse sido aplicado ao longo do ano.

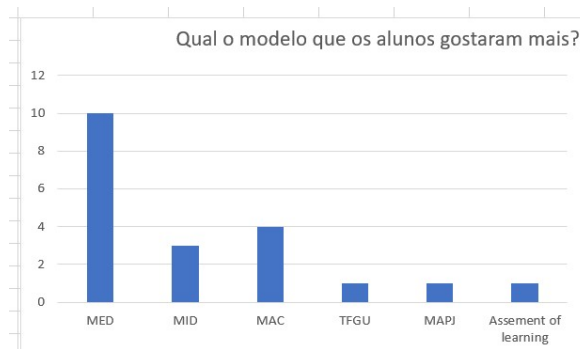


Gráfico 7 – Qual o modelo que os alunos gostaram mais

Ao olharmos para o gráfico podemos observar que o modelo que os estudantes estagiários utilizaram ao longo do ano o que mais gostaram foi o MED e a seguir o MAC.

Como última questão era-lhes perguntado o que teriam feito diferente em cada modelo. Nesta questão obtiveram-se respostas muito diferentes.

Relativamente à resposta que ‘não alteraria nada’, o estudante estagiário diz o seguinte: “nunca utilizei um modelo de cada vez, foram sempre utilizados em articulação acho que essa articulação funcionou bem, tendo obtido um feedback positivo por parte dos alunos.”

No que se refere à resposta que ‘alteraria alguma coisa’ apesar de que correu bem foi dito que: “Apenas criava mais desafios para os alunos no Modelo de Ensino do Jogo Para a Compreensão (TGFU), demorei um pouco a aplicá-lo corretamente.”

Por fim, vou mencionar mais um comentário de um estudante que retrata um pouco do que passamos neste primeiro ano enquanto estudantes estagiários, quando diz que «no MED poderia ter utilizado todas as características, penso que seria mais aliciante para os alunos. No entanto não utilizei por falta de experiência nesse modelo».

## 7.6 Conclusão

O corrente estudo procurou principalmente perceber se os estudantes estagiários quando vão para o estágio profissional, e especificamente para a escola se sentem capazes de aplicar todos os ensinamentos e experiências que tiveram ao longo do primeiro ano do MEEFEBS.

Com a realização deste estudo podemos observar que os alunos estão preparados para aplicar vários modelos de ensino. O modelo de ensino aprendido pelos alunos no 1º ano que se encontraram mais à vontade para por em prática e que entendem ser melhor é o MED.

Através do mesmo, foi possível verificar que os estudantes estagiários se sentiam à vontade para colocar em prática todos os modelos de ensino aprendidos durante o 1º ano do curso, sendo que o modelo mais aplicado pelos estudantes estagiários foi o MED, o modelo que mais gostaram de aplicar foi o MED e por fim percebemos que foi o modelo que resultou melhor nas suas turmas foi o MAC, o modelos que os alunos gostaram mais foi o MED, os estudante estagiários no seu geral não tiveram nenhum modelo que tenha corrido mal e que por fim quem tomou a iniciativa de ir aplicar vários modelos ao longo ano letivo foram os estudantes estagiários.

Em suma, considero que o presente estudo foi relevante pois sinto que possa mostrar aos professores do MEEFEBS, que estão a fazer um bom trabalho, pois os alunos estão a conseguir sair com bases para o estágio e aplicar o que foi ensinado e que para além de falarem na unidade didática de didática geral falaram nas outras didáticas que os ajudaram bastaste nas quais foram buscar ideias para aplicar os vários modelos.

## 7.7 Limitações do Estudo

Ao longo do estudo foi possível evidenciar algumas limitações e dificuldades. A amostra dos alunos que participaram, poderia ter sido mais alargada, senti que foi reduzida pois existiam três turmas de segundo ano do MEEFEBS que corresponde a 90 alunos, apenas consegui alunos de uma só turma que têm 30 alunos.

Uma das limitações foi a falta de tempo para realizar este estudo, apesar de ter sido pensado ao longo ano letivo só poderia ser realizado para poder verificar os resultados no final do ano letivo.

A aplicação do questionário em formato online teve as suas vantagens e as suas desvantagens, as vantagens foram ser rápido e fácil os estudantes poderem responder ao questionário. As desvantagens, ao ser em formato online, foi não se perceber tão bem o que ficou por dizer, as histórias que ficaram por contar tanto as positivas como as experiências negativas. O uso de uma entrevista teria aportado ao estudo outras informações de interesse.

No entanto, o facto dos professores estagiários serem de várias zonas do país, dificultou a realização de uma entrevista pessoal para perceber melhor o que os professores estagiários sentiram e as suas experiências e vivências em cada modelo, como os alunos se foram adaptando e os próprios professores também. Pois ao iniciarmos um modelo podemos não conseguir ter êxito e voltar ao modelo anterior e em entrevista seria certamente mais fácil perceber também as dificuldades sentidas.

## 7.6 Referências Bibliográficas

Bardin, L. (1977). L'analyse de contenu. In L'analyse de contenu.

<https://doi.org/10.3917/puf.bard.2013.01>

Chagas, A. (2000). O questionário na pesquisa científica. Volume: 1; Número 1. p. 12–49.

Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *Revista de Educação*, 2, 49–65

Queirós, P., & Graça, A. B. (2013). A análise de conteúdo (enquanto técnica de tratamento da informação) no âmbito da investigação qualitativa. In *Investigação qualitativa em desporto - vol II*. 112-14

## 8. Conclusões

O finalizar deste documento representou um orgulho enorme. Significa também o término de mais um capítulo e de uma viagem bonita da minha vida, a caminhada de estudante, sem dúvida que foi uma caminhada longa, exigente, desafiante, mas também cheia de experiências e vivências dada pelos professores não só do mestrado, como pelos alunos, ao longo do EP, mas também não quero esquecer quem me começou a formar, porque todos eles, sem exceção, me ajudaram a evoluir e a crescer, quer pessoalmente, quer profissionalmente.

Ao longo do EP, sinto que tive a oportunidade de colocar em prática tudo o que tinha aprendido no primeiro ano do mestrado, sinto que os professores e a forma como nos transmitiram os ensinamentos, mesmo durante uma pandemia, conseguiram veicular a sua mensagem.

Claro que neste percurso também houve sempre da minha parte um grande esforço no sentido de ser bem-sucedido. Afinal, como afirma Fernando Pessoa, ser descontente é ser homem. Ou seja, é preciso seguir os nossos sonhos com força e determinação.

Sinto que usufruí, ao máximo desta aventura, estando presente em todos os momentos e atividades que o estágio tinha para me dar. Aliás, o PC sempre nos disse, desde início, que devíamos saborear este ano letivo, uma vez que tinha muito para nos oferecer. Por isso, entreguei-me de corpo e alma a este projeto que iria iniciar na docência, consciente que tenho uma missão difícil, pois a educação é um trabalho árduo, quer para pais, quer para professores, mas pelo sonho é que vamos, como afirma o poeta.

O balanço final que faço desta aventura é positivo, pois penso ter contribuído para a formação integral dos alunos. Esta aventura também contribuiu para o meu crescimento pessoal e profissional, dado que era necessário contornar obstáculos, que, por vezes, pareciam gigantescos, mas depois com a ajuda daqueles que me rodeavam tudo era ultrapassado.

Tentei sempre, ao longo do ano letivo, que as aulas tivessem uma vertente sobretudo pedagógica, mas também lúdica ao mesmo tempo, dado que os alunos devem sentir-se felizes no desempenho das suas atividades. Foi sempre minha intenção motivá-los para a disciplina de EF e para a vida, onde o exercício físico deve desempenhar um papel crucial. Esta filosofia de vida fez sempre parte do meu quotidiano com os discentes.

Chegado ao fim desta caminhada que tantos desafios me lançou, ficam todas as aprendizagens e sorrisos que vieram ao meu encontro em todas as tarefas que desempenhei,

visto que temos de tirar partido de tudo aquilo que nos faz crescer. Assim sendo, ficam *ad eternum* os sorrisos e as lágrimas da última aula, no momento da despedida, mostrando que tudo vale a pena se a alma não é pequena como diz Pessoa na obra *Mensagem*.

Obrigado Rio Tinto.

## 9. Bibliografia

Batista, P., Graça, A., & Queirós, P. (2014). O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física. Porto: Editora FADEUP.

Batista, P., & Queirós, P. (2013). O estágio profissional enquanto espaço de formação profissional. In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.), Olhares sobre o Estágio Profissional em EF (pp. 133-49). Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Bardin, L. (1977). L'analyse de contenu. In L'analyse de contenu.

<https://doi.org/10.3917/puf.bard.2013.01>

Bento, J. O. (2003). Planeamento e avaliação em EF (3ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.

Bento, J. O. (1986). Elementos fundamentais da psico-pedagogia. Porto: Universidade do Porto, Instituto Superior de Educação Física.

Bento, J. O. (1987). Planeamento e Avaliação em Educação Física. Lisboa: Livros Horizonte.

Clemente, F. (2014). Uma Visão Integrada do Modelo Teaching Games for Understanding adequando aos estilos de ensino e questionamento à realidade da Educação Física. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, 36(2), 587-601.

Carrolo, C. (1997). Formação e identidade profissional dos professores. In: ESTRELA, Maria T. (Org.). Viver e construir a profissão professor. Porto: Porto, 1997. p. 21-50.

Chagas, A. (2000). O questionário na pesquisa científica. Volume: 1; Número 1. p. 12-49.

Graça, A. (2001). Breve roteiro da investigação empírica na Pedagogia do Desporto: a investigação sobre o ensino da educação física. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 1(1): 104-113.

Graça, A., & Mesquita, I. (2006). Ensino do Desporto. In G. Tani, J. O. Bento & R. D. d. S. Petersen (Eds), Pedagogia do desporto (pp. 207-2018). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Graça, A., & Mesquita, I. (2011). Modelos de Ensino dos Jogos Desportivos. In Rosado, A., & Mesquita, I. Pedagogia do Desporto. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana. 131-163.

Graça, A., & Mesquita, I. (2013). Modelos e concepções de ensino dos jogos desportivos. In Tavares, F. (Ed.), Jogos desportivos coletivos ensinar a jogar. Porto: Editora FADEUP. 9-54.

- Graça, A., & Mesquita, I. (2013). Modelos e conceções de ensino dos jogos desportivos. Jogos desportivos coletivos: Ensinar a jogar. Porto: Editora FADEUP 9-54.
- Jacinto, J., Carvalho, L., Comédias, J., & Mira, J. (2001). Programa de EF 10º, 11º e 12º anos. Cursos Gerais e Cursos Tecnológicos. Lisboa: Ministério da Educação Departamento do Ensino Secundário
- Lima, J. (2008). Em busca da boa escola. Instituições eficazes e sucesso educativo. Vila Nova Gaia: Fundação Manuel Leão. Revista Lusófona de Educação, Volume: 23, p. 201-203.
- Lopes, T., Cruz, J. C., & Rolim, R. (2015). O Cubo-Mágico de um Estudante- Estagiário. Desafios renovados para a aprendizagem em Educação Física, 297- 310.
- Neves, I. (2007). A formação prática e supervisão da formação. Saber (e) Educar, 12, 79-96.
- Mesquita, I., & Graça, A. (2009). Modelos instrucionais no ensino do Desporto. In I. Mesquita & A. Rosado (Eds.), Pedagogia do Desporto (pp. 39-68). Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Mesquita, I., & Rosado, A. (2011). Pedagogia do Desporto. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Matos, Z. (2014). Regulamento da Unidade Curricular Estágio Profissional do Ciclo de Estudos Conducente ao Grau de Mestre de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FADEUP. Documento não publicado. FADEUP.
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. Revista de Educação, 2, 49-65
- Quina, J. (2009). A organização do processo de ensino em Educação Física. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.
- Queirós, P., & Graça, A. B. (2013). A análise de conteúdo (enquanto técnica de tratamento da informação) no âmbito da investigação qualitativa. In Investigação qualitativa em desporto - vol II. 112-14
- Queirós, P. (2020). Profissionalidade Pedagógica. Retrieved from [https://moodle1920.up.pt/pluginfile.php/78275/mod\\_resource/content/1/Teo%20\\_Profi\\_2\\_out\\_19\\_20.pdf](https://moodle1920.up.pt/pluginfile.php/78275/mod_resource/content/1/Teo%20_Profi_2_out_19_20.pdf).

- Queirós, P. (2020). Profissionalidade Pedagógica. Retrieved from [https://moodle1920.up.pt/pluginfile.php/86702/mod\\_resource/content/2/Teo\\_Profi\\_30%20out\\_19\\_20%20%5BModo%20de%20Compatibilidade%5D.pdf](https://moodle1920.up.pt/pluginfile.php/86702/mod_resource/content/2/Teo_Profi_30%20out_19_20%20%5BModo%20de%20Compatibilidade%5D.pdf).
- Queirós, P. (2020). Profissionalidade Pedagógica. Retrieved from [https://moodle1920.up.pt/pluginfile.php/89899/mod\\_resource/content/1/Teo\\_Profi\\_%2013\\_nov\\_19\\_20%20%5BModo%20de%20Compatibilidade%5D.pdf](https://moodle1920.up.pt/pluginfile.php/89899/mod_resource/content/1/Teo_Profi_%2013_nov_19_20%20%5BModo%20de%20Compatibilidade%5D.pdf).
- Rink, J. E. (2014). Teaching physical education for learning (7th ed.). New York:McGraw Hill.
- Rodrigues, J., Ferreira, Vítor. (1998). Valores e Expectativas dos Professores - Estagiários. Revista M
- Rosado, A., & Silva, C. (2010). Conceitos Básicos sobre Avaliação. Faculdade de Motricidade Humana.
- Rosado, A., & Colaço, C. (Eds.). (2002). Avaliação das aprendizagens: Fundamentos e aplicações no domínio das actividades físicas. Lisboa: Omniserviços.
- Santos, B. (2013). A Escola, a Educação e os Comportamentos de Ensino do Professor: a perceção do aluno (Seminário/Relatório de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa).
- Schmidt, R. A. (1975). A schema theory of discrete motor skill learning. *Psychological Review* 82, 225-260.
- Siedentop, D. (1991). Developing teaching skills in physical education (3a ed.). Mountain View: Mayfield Publishing Company
- Vickers, J. N. (1990). Instructional design for teaching physical activities: A knowledge structures approach. Human Kinetics Publishers.



## 10. Anexos

Anexo I - Questionário aplicado aos alunos do 11º ano

Escola Secundária de Rio Tinto  
Núcleo de Estágio de Educação Física



Questionário

Nome: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

1. Sobre a prática de modalidade desportiva fora da escola:

Sou federado(a)  Prático por lazer  \_\_\_\_\_ (nº) dias/semana \_\_\_\_\_ (nº) horas/dia

2. Sobre as aulas de Educação Física e professor(a):

2.1. Quais as modalidades que mais gostas na aula de Educação Física? (Enumera 3, no máximo)

\_\_\_\_\_

2.2. Quais as modalidades que não gostas na aula de Educação Física? (Enumera 3)

\_\_\_\_\_

2.3. Gostas das aulas de Educação Física? Indica porquê.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2.4. O que mais gostas num(a) professor(a) de Educação Física?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2.5. O que menos gostas num professor de Educação Física?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2.6. Tens algum problema de saúde que condiciona a aula de Educação Física? Se sim, indica o que é e quais são as limitações.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Anexo II - Estrutura do Plano de Aula



PLANO DE AULA n.º 1

Professor: Miguel Amaro	Turma: 11.º	Material:
Data:	N.º previsto de Alunos:	
Local:	Hora: Duração:	
Unidade Didática: Futebol	Função Didática:	

Habilidade Motoras: Conceitos psicoescolares: Condição física: Cultura desportiva:
---

Ativ.	Objetivos Comportamentais	Situações de Aprendizagem / Organização, Alunos	Componentes Críticas
Inicial	O aluno mantém-se disciplinado e escuta atentamente o professor.	<ul style="list-style-type: none"> <li>→ Registo das presenças e atrasos</li> <li>→ Informação da Aula.</li> </ul>	
		<p><b>Organização:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>→ Material arrumado (raquetes, volantes e bolas).</li> <li>Professor desloca-se pelo exterior dos campos.</li> </ul>	
Fundamental		<p><b>Regras de Segurança:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>→ Colchões não são para amassar;</li> <li>→ Não usar sapatilhas em cima dos colchões;</li> <li>→ Ter atenção aos apoios;</li> <li>→ Fazer as figuras com cuidado.</li> </ul>	
Final		Breve diálogo com os alunos relacionado com a aula. Questões relacionadas com a aula.	

### Anexo III - Calendarização dos Anual dos Espaços (Roulement)

**Plano Nacional de Avaliação**  
Grupo de Avaliação Física 2017-2018 - 2017/2018 - 2017/2018 - 2017/2018

Grupo	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	11º	12º
1º	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
2º	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
3º	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
4º	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
5º	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
6º	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72
7º	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84
8º	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96
9º	97	98	99	100	101	102	103	104	105	106	107	108
10º	109	110	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120
11º	121	122	123	124	125	126	127	128	129	130	131	132
12º	133	134	135	136	137	138	139	140	141	142	143	144

Seriação	1ª semestria	2ª semestria
1ª	10/01 a 10/02	10/03 a 10/04
2ª	10/05 a 10/06	10/07 a 10/08
3ª	10/09 a 10/10	10/11 a 10/12
4ª	10/13 a 10/14	10/15 a 10/16
5ª	10/19 a 10/20	10/21 a 10/22
6ª	10/23 a 10/24	10/25 a 10/26
7ª	10/27 a 10/28	10/29 a 10/30
8ª	10/31 a 10/31	10/31 a 10/31
9ª	10/31 a 10/31	10/31 a 10/31
10ª	10/31 a 10/31	10/31 a 10/31
11ª	10/31 a 10/31	10/31 a 10/31
12ª	10/31 a 10/31	10/31 a 10/31
13ª	10/31 a 10/31	10/31 a 10/31
14ª	10/31 a 10/31	10/31 a 10/31
15ª	10/31 a 10/31	10/31 a 10/31
16ª	10/31 a 10/31	10/31 a 10/31
17ª	10/31 a 10/31	10/31 a 10/31
18ª	10/31 a 10/31	10/31 a 10/31
19ª	10/31 a 10/31	10/31 a 10/31
20ª	10/31 a 10/31	10/31 a 10/31

**PROFESSORES**

- Mariana Costa
- Mariana Costa
- Mariana Costa
- Mariana Costa
- Mariana Costa
- Mariana Costa
- Mariana Costa
- Mariana Costa

## Anexo IV - Foto da notícia no jornal JN do Torneio de Badminton

The screenshot shows a web browser window with the URL [tag.jn.pt/torneios-de-badminton-em-rio-tinto/](http://tag.jn.pt/torneios-de-badminton-em-rio-tinto/). The page features the JN logo and navigation links: SABE MUITO, FAZ TU, GOSTO, DIZ COISAS, and magazine. A red banner reads "NA MINHA ESCOLA". The main headline is "Torneios de Badminton em Rio Tinto".

**NA MINHA ESCOLA**

### Torneios de Badminton em Rio Tinto

Já foram publicados aqui dois artigos sobre a atividade física que mobiliza os alunos da Escola Secundária de Rio Tinto (Agrupamento de escolas n.º3). Agora, é notícia a modalidade de badminton.

O Torneio de Badminton, dinamizado pelo núcleo de estágio de Educação Física, realizou-se em fases de grupo (3 alunos por grupo) e ocupou toda a manhã do dia 22 de dezembro último.

Participaram nesta atividade 219 alunos: 21 alunas e 27 alunos do ensino básico e 63 alunas e 108 alunos do ensino secundário.

Atendendo ao grande número de participantes e à forma como o torneio foi desenhado, tornou-se necessário utilizar 2 pavilhões em simultâneo e marcar 15 campos. Todos os alunos participaram como árbitros nos jogos dos seus grupos: enquanto decorria um jogo, o aluno que descansava assumia a função de árbitro. Desta forma, todos os alunos desempenharam dois papéis distintos numa mesma competição (jogador e árbitro), o que contribuiu para a promoção de competências sociais com importância para a vida futura.

Esta atividade enquadra-se nas ações pedagógicas previstas no plano estratégico de Educação para a Cidadania do agrupamento de Escolas de Rio Tinto n.º3.

**Falta apresentar os vencedores deste torneio:**

Torneio 3.º Ciclo feminino:  
1º lugar - Joana Amorim

**PUBLICIDADE**

**JN NEWSLETTERS**  
Passe a receber informação de referência no seu computador.  
O seu email \*  
**SUBSCREVER**

**OUTROS ARTIGOS**

Há bailados (e oficinas de dança) para descobrir em Sintra

As organizações que nos ajudam a viver melhor

The bottom of the screenshot shows a Windows taskbar with the search bar containing "Escreva aqui para procurar", system tray icons for weather (31°C Sol) and time (12:31, 22/06/2022), and a taskbar with icons for various applications.

## Anexo V - Questionário aplicado no Estudo

### Modelos

Estudo sobre os modelos aplicados

Quais os tipos de modelos de ensino usas-te ao longo deste ano letivo e porque esses?

Parágrafo

Texto de resposta longa

Obrigatório

Com base nas aulas de didática geral e nas outras didáticas do primeiro ano de mestrado, ajudaram-te a aplicar esses modelos?

Texto de resposta longa

A utilização desses modelos foi por iniciativa tua ou do professor cooperante?

Texto de resposta longa

Qual foi o modelo mais vantajoso para os teus alunos?

Texto de resposta longa

Porquê?

Texto de resposta longa

Qual o modelo que resultou menos bem?

Texto de resposta longa

Porquê?

Texto de resposta longa

Qual foi o tipo de modelo de ensino que os alunos gostaram mais?

Texto de resposta longa

O que terias feito de diferente na aplicação de cada um dos modelos?

Texto de resposta longa